



MAISGUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N143 MENSAL: ABRIL 2025
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

CENTRO JUVENIL SÃO JOSÉ 110 ANOS DE SERVIÇO À COMUNIDADE

CAMILO CASTELO BRANCO 200 ANOS DO NASCIMENTO DO ESCRITOR
PÁSCOA INICIATIVAS CULTURAIS COLOCAM GUIMARÃES NO MAPA DO TURISMO RELIGIOSO
COLÉGIO DIDAXIS COMEMORA 50 ANOS E VOLTA A RECEBER ALUNOS DO PRIMEIRO CICLO



ZOME GUIMARÃES ASA CELEBRA 1º ANIVERSÁRIO

"AGORA, O OBJETIVO É ACELERAR"

O balanço do primeiro ano de atividade é “extremamente positivo e muito gratificante”. O nascimento da Zome Guimarães ASA foi marcado por um “grande entusiasmo e um forte compromisso com a excelência, e hoje podemos afirmar que esse compromisso tem vindo a dar frutos”, dizem os responsáveis, em entrevista à Mais Guimarães.

A Zome Guimarães ASA cresceu de forma sustentada, fortalecendo a sua equipa e, acima de tudo, conseguindo criar um ambiente onde os consultores se sentem valorizados, apoiados e preparados para dar o seu melhor.

“Tivemos o privilégio de acompanhar dezenas de famílias na realização de sonhos, seja na compra da sua primeira casa, no investimento ideal ou na venda de um imóvel com história. Cada transação foi mais do que um negócio – foi uma relação construída com base na confiança, transparência e dedicação”, refere Eduardo Oliveira.

Neste momento, 34 consultores imobiliários da Zome Guimarães ASA estão no terreno, alguns em formação para iniciarem o seu percurso nesta área e outros em fase de seleção. Ao longo destes 12 meses, os responsáveis conseguiram criar uma equipa “sólida, motivada e altamente profissional, que tem crescido não só em número, mas também em competência e confiança. Apostámos fortemente em formação contínua e em proporcionar todas as ferramentas e recursos para que cada consultor possa desenvolver o seu potencial ao máximo”, acrescenta Hugo Mendes.

Apesar do número de consultores ter crescido substancialmente, o objetivo é continuar a integrar novos talentos. “Estamos sempre abertos a receber pessoas com vontade de aprender, espírito empreendedor e, acima de tudo, focados em mudar de vida!”, diz Pedro Coelho, também da gerência da Zome Guimarães ASA. Mais do que uma equipa, a Zome Guimarães ASA é uma comunidade onde cada consultor tem acesso a formação contínua, tecnologia de ponta e acompanhamento personalizado.



Há um investimento no sucesso de cada elemento, porque, “quando os nossos consultores crescem, a Zome cresce com eles”. Por isso, a Zome Guimarães ASA vai continuar a estar de portas abertas para “pessoas que queiram fazer carreira, fazer a diferença e sentir orgulho no trabalho que desenvolvem todos os dias”.

O que têm para lhes oferecer em termos de condições de trabalho, carreira e perspectiva de futuro?, perguntamos.

Na Zome Guimarães ASA acreditamos que o sucesso dos nossos consultores começa no ambiente que criamos para eles: motivador, estruturado e com todas as ferramentas necessárias para atingirem o seu máximo potencial. Oferecemos um plano de formação contínua e altamente especializado, que acompanha cada fase da carreira – desde quem está a começar, até quem já tem experiência e procura dar o próximo passo.

Aqui, o crescimento é real: temos um modelo de progressão de carreira transparente e meritocrático, onde cada consultor pode evoluir ao seu ritmo, com total apoio da nossa equipa de coordenação. Mais do que isso, damos aos nossos consultores a possibilidade de criarem a sua própria equipa, com autonomia, visão e espírito de liderança. Encorajamos o empreendedorismo e damos todos os recursos para que possam construir um negócio de sucesso dentro da nossa estrutura. Em resumo, oferecemos muito mais do que um trabalho – oferecemos uma carreira com perspetiva, estabilidade e um futuro sem limites para quem tem ambição e vontade de vencer.

Relativamente às expectativas para este segundo ano são “elevadas e bastante entusiasmantes”. Enquanto o primeiro ano serviu para consolidar as bases, testar a visão no terreno e perceber, “com clareza, o impacto que queremos continuar a ter no mercado imobiliário de Guimarães. Agora, o objetivo é acelerar”.

A Zome Guimarães ASA quer crescer em número de consultores, reforçar a sua presença na região e aumentar o volume de negócios de forma consistente, sempre com o foco na satisfação dos clientes e na valorização da equipa.

Os responsáveis pretendem também continuar a investir em tecnologia e inovação, mantendo-se na linha da frente da transformação digital no setor, para que os processos sejam cada vez mais simples, rápidos e eficazes – tanto para os consultores como para os clientes. Mas, terminam, “mais do que metas numéricas, o nosso grande objetivo é continuar a criar impacto real na vida das pessoas. Ajudar mais famílias, formar mais profissionais de excelência e continuar a construir uma marca que orgulha todos os que dela fazem parte”.



COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!



AGENDA CULTURAL



**JOSÉ LUÍS CARNEIRO
APRESENTA LIVRO EM GUIMARÃES**



**CARLOS ABREU AMORIM E OS
DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL**



RAMPA DA PENHA



RELÓGIO RECUPERADO



BOMBEIROS CELEBRAM 148 ANOS



**DIDÁXIS CELEBRA 50 ANOS
E VOLTA AO 1º CICLO**





TEMOS TUDO PARA O SEU AUTOMÓVEL

BATERIAS AUTO I MOTO I EMPILHADORES I BARCOS
CHAPARIA I MECÂNICA I ELETRICIDADE
VENDA AO PÚBLICO
REVENDA COM DESCONTOS ESPECIAIS



EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO



LEIA A REVISTA
EM FORMATO DIGITAL



OLHAR O MUNDO E CELEBRAR ABRIL

No mês do cravos, voltamos a colocar a mão no peito e a clamar por liberdade.

Cinquenta e um anos após o momento de libertação que Portugal viveu, com queda da ditadura do Estado Novo, é ainda tempo de lembrar a repressão, o medo, e a censura imposta ao povo português. É, e sempre será tempo para lembrar abril, a liberdade de pensarmos e, sobretudo, de nos exprimirmos.

Escrever um texto como este não seria possível há 51 anos.

Assim de repente, o mundo, o nosso mundo, tornou-se um lugar mais perigoso. Sem que percebessemos que o caminho nos poderia levar a esta encruzilhada, até as alianças que tínhamos como certas, e que nos deixavam dormir, se tornaram imprevisíveis. Não era suposto acontecer, mas a história é fértil em crises que geraram mudanças e transformações. E isso está a ocorrer agora, no nosso tempo, a um ritmo muito acelerado.

Isto exige que nos coloquemos em posição de alerta, de olhos bem abertos. Exige mais, que façamos algo, não apenas nos mantenhamos como espectadores assistindo, de braços cruzados, à queda do mundo em que acreditamos. No mundo em que pudéssemos, pelo menos, gozar de uma certa ideia de liberdade.

Martin Luther King revelou uma frase de valor inquestionável: “O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons”. Nela exalta a necessidade absoluta de reação.

Abril é tempo de celebrarmos. É tempo de agirmos, é tempo de reagirmos. Abril não seria o exemplo que para nós é sem reação. Sejamos os capitães que abril viu, em todo e em qualquer lugar.

25 de abril sempre!

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaranenses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista “Mais Guimarães”, é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista “Mais Guimarães” aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista “Mais Guimarães” distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista “Mais Guimarães” considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138

Sede e Sede da Redação Av. de São Gonçalo, n.º

319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião

4810-525 Guimarães

Telefone 253 537 250 [Chamada para a rede fixa nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email administracao@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Travessa Monte da Carreira N.º 490

4805-284 Ponte Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para

a Comunicação Social, sob o n.º. 126 352

ISSN 2182/9276 Depósito Legal n.º. 358 810/13

Administração: Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.

Jornalistas

Eliseu Sampaio, Carla Alves e Helena Lopes

Design Gráfico e Paginação

Mais Guimarães

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.

Travessa Comendador Aberto M. Sousa

Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande

4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa

Eliseu Sampaio

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.

Telemóvel 917 953 912

[Chamada para a rede móvel nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email geral@maisguimaraes.pt

www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1.º Piso, Salas C

4810-525 Guimarães



f / MAISGUIMARAES

PELLETS
4,15
Saco de 15kg



**Iva a 23% a partir de
01 de julho de 2025**

**ENCOMENDE JÁ OS NOSSOS
PELLETS CERTIFICADOS**

Tel. 253 579 307

Custo de chamada para a rede fixa nacional, mediante o seu tarifário

solvita
energias renováveis

Rua de S. João Batista, 1245, Ponte, Guimarães geral@solvita.pt www.solvita.pt

SISTEMAS DE AQUECIMENTO E/OU ARREFECIMENTO | BOMBAS DE CALOR/AR CONDICIONADO
SISTEMAS SOLARES TÉRMICOS | CALDEIRAS E RECUPERADORES A BIOMASSA

GUIMARÃES PERCORRE CAMINHO

“DA QUARESMA À PÁSCOA” COM PROGRAMA MARCANTE

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



Exposição, concertos, procissões e atividades gastronómicas compõem um programa que percorre o património material e imaterial da cidade.

A iniciativa, promovida pelo Município, propõe um percurso que cruza celebrações religiosas, atividades culturais e eventos gastronómicos, consolidando a cidade como um destino de referência para este período do ano.

O programa "Da Quaresma à Páscoa", vai até ao domingo pascal, 20 de abril, em vários espaços de Guimarães. Para o vereador Paulo Lopes Silva, esta programação assume uma importância estratégica para o território de Guimarães que “reforça a sua identidade como cidade de cultura e tradição, promovendo um evento que valoriza o património e a vivência coletiva da Páscoa. É um programa pensado para os vimaranenses, mas também para os visitantes que escolhem esta cidade para viver este período de forma única.”

O vereador sublinhou ainda a importância da articulação entre cultura e economia local, onde “eventos como este reforçam a oferta cultural da cidade ao mesmo tempo que criam dinâmicas económicas relevantes, promovendo o turismo e impulsionando setores como a restauração e a hotelaria. Guimarães tem hoje uma estratégia cultural consolidada e uma visão clara para o futuro, onde a cultura se afirma como um motor de desenvolvimento”.

A programação arrancou a 04 de abril, com a inauguração da exposição "A Paixão em Guimarães", que propõe um itinerário por 10 igrejas, dois museus, um oratório, um cruzeiro e quatro passos da Paixão. Entre os locais de visita destacam-se a Igreja da Misericórdia, a Igreja de São Francisco, o Museu de Alberto Sampaio e a Sociedade Martins Sarmento.

No âmbito das celebrações religiosas, as procissões voltam a marcar presença no espaço público. A Procissão dos Santos Passos realizou-se no dia 06 de abril, enquanto a Procissão do Enterro do Senhor percorrerá as ruas da cidade na Sexta-feira Santa, dia 18 de abril.

O programa inclui ainda a Via Sacra, a Missa em Honra de Nossa Senhora das Dores, a Procissão das Endoenças e a Vigília Pascal, encerrando no Domingo de Páscoa, dia 20 de abril, com a Visita Pascal ao Centro Histórico.



FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA RELIGIOSA

Com um orçamento de 70 mil euros, a autarquia pretende que este seja um período pascal marcante em Guimarães, para as gentes da terra e para os turistas que nos visitam nesta altura do ano. Daí que surja o Festival Internacional de Música Religiosa de Guimarães que decorre até 19 de abril, com um conjunto de concertos que percorrem diferentes períodos e tradições da música sacra. Tatiana Samouil, Natalia Tchitch, Ensemble Bonne Corde e o Zève - ZêzereArts Vocal Ensemble são alguns dos nomes que irão apresentar repertórios que vão desde a polifonia medieval à criação contemporânea. O encerramento será protagonizado pela Orquestra de Guimarães e pelo Coro Viana Vocale, com a interpretação da 2.ª Sinfonia - Lobgesang, de Felix Mendelssohn.



PUB



PUB

CREIXOMIL

Rua da Índia,
nº 462, Loja 4,
4835-061

TROFA

Rua Costa Ferreira,
nº 100, Loja 4,
4785-298

RONFE

Alameda Professor
Abel Salazar, nº 29
4805-375

SUPER
MERCADO

da porta ao lado

Já abriu!

EM NOVAIS
FAMALICÃO

Segunda a Sábado

08h00 às 20h00

Ao redor do mundo

TEXTO: INÊS SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

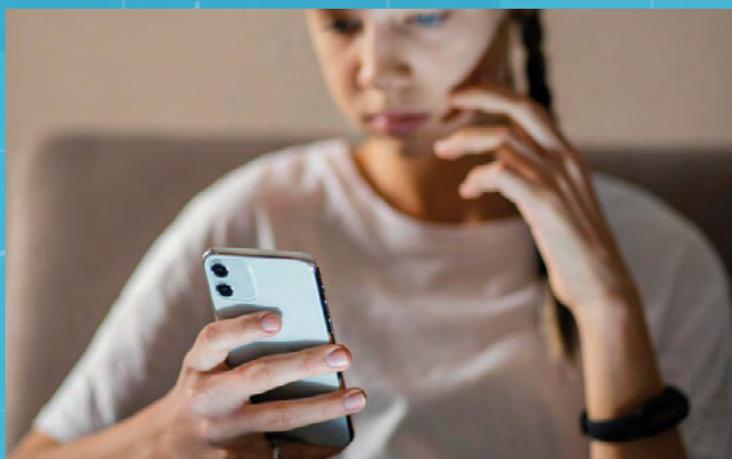


AUMENTO DE SINTOMAS DEPRESSIVOS NOS ADOLESCENTES EM PORTUGAL

No passado ano letivo, 45,4% de uma amostra de 13 mil adolescentes portugueses apresentaram sintomatologia depressiva, evidenciando um aumento em relação aos anos anteriores. Neste caso em específico, as raparigas mostraram indicadores mais preocupantes.

RESTRICÇÃO DE ACESSO A REDES SOCIAIS NA AUSTRÁLIA

A Austrália aprovou uma lei que proíbe menores de 16 anos de acederem a redes sociais, impondo multas até 30 milhões de euros para as empresas que não cumpram esta regra. A medida visa proteger os jovens dos riscos associados ao uso precoce dessas plataformas, incluindo exposição a conteúdo nocivo e vulnerabilidade a interações digitais perigosas.



ESCOLAS IMPLEMENTAM MEDIDAS PARA REDUZIR A DEPENDÊNCIA DE SMARTPHONES

Diante da crescente dependência de smartphones entre adolescentes, algumas escolas em França e no Reino Unido adotaram medidas rigorosas, nomeadamente o uso de smartphones dentro dos estabelecimentos de ensino. Os alunos devem deixar o smartphone em casa ou depositá-lo num local apropriado à entrada. No Reino Unido, a 'The Stanway School' observou uma redução de 20% nos sintomas de ansiedade e depressão após uma experiência de 21 dias sem telemóveis.

MÚSICA E CULTURA POP

No mundo da música, várias figuras competem pelo topo. Lady Gaga e Bruno Mars lançaram a música «Die with a smile», que rapidamente dominou o topo. Bad Bunny também surpreendeu tudo e todos com o seu tão esperado lançamento do álbum «Debí Tirar Más Fotos». Com este novo disco, o cantor porto-riquenho pretende fazer uma crítica de como a sociedade está obcecada com a imagem e a aparência nas redes sociais. Através deste álbum, Bad Bunny quer explorar os impactos das redes sociais na vida dos jovens e como a procura constante por validação online pode afetar as emoções e a saúde mental. Nesta nova obra, o cantor também fez questão de mostrar a devoção à sua terra natal, Porto Rico, dando primazia ao estilo de música local na maioria das suas canções. Para além destes, «Birds of a feather», «Ordinary» e «APT» permanecem no topo global dos favoritos do Spotify.



COLÉGIO DIDÁXIS

AOS 50 ANOS VOLTA AO 1º CICLO

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



O Colégio Didáxis está a celebrar, em 2025, cinquenta anos de atividade dedicada ao ensino. O Colégio reinventou-se nos últimos anos, fruto do término dos contratos de associação, transformou-se em escola privada, oferece um serviço diferenciado e voltou ao primeiro ciclo.

Os pequenos alunos, no primeiro contacto com a escola, trazem uma alegria contagiante aos corredores do Colégio. Fomos perceber a transformação com Isabel Matos, a diretora pedagógica.

Em 2016, previa-se o pior com o fim dos contratos de associação. No entanto, continuam de pé...

Às vezes, as crises são oportunidades para se criar algo novo e um bocadinho mais disruptivo até. Foi nessa altura que criamos este projeto privado, porque, até aí, nós tínhamos as turmas sempre cheias. Os pais percebiam que esta era uma escola gerida por pessoas que eles conheciam, e isso fazia uma diferença enorme. Aqui temos um corpo docente muito estável, essa pode ser uma das razões que os pais apreciam quando escolhem esta escola. Mas, acima de tudo, percebem que, de facto, temos muita experiência no ensino.

E em que se destaca o Colégio?

Temos um projeto diferente daquilo que as escolas públicas têm e, eventualmente, também diferente de outros colégios particulares. Há marcas importantes na nossa escola, desde logo a relação entre a escola e as famílias. Esta é uma casa aberta e há um ambiente muito familiar.

Destaco, desde logo, o inglês, não sendo uma escola bilingue, queremos ser uma escola onde os alunos se sintam bem preparados e o inglês é essencial. Temos a disciplina de inglês normal, utilizando a metodologia Cambridge, mais eficaz, sobretudo no que diz respeito à oralidade e à comunicação. Em

História, ou Ciências, aplicamos o Integrate English. Ainda no inglês, sendo extracurricular, temos também a Escola de Línguas Cambridge, os nossos alunos podem frequentar as aulas nesse modelo e fazerem os exames certificados.

Dentro do currículo, temos também a disciplina de TIC, em que avançamos para a programação e para a robótica. Ainda a disciplina de cidadania, em que os alunos trabalham muitos projetos que têm a ver com valores que são importantes, como a amizade, a solidariedade ou a preservação do meio ambiente.

Há mais vantagens para as famílias em colocarem os filhos aqui?

Várias. Há a questão da segurança, que é uma coisa que nos preocupa muito e aos pais também, e aqui levamos isso muito a sério. Temos os nossos transportes, que é outra mais-valia, e os pais não têm que os vir buscar, nem têm que os vir trazer. Temos uma rede bem definida que passa por Guimarães, Famalicão, Vizela ou Vila das Aves. No arranque do próximo ano letivo, uma aplicação que estamos a preparar permitirá aos pais perceberem a que distância está o transporte dos filhos.

Quanto a outras atividades extracurriculares, o Colégio destaca-se em algumas, entre as quais o xadrez, formando verdadeiros campeões, e ultrapassando as barreiras do colégio, sendo uma referência. Mas há outras, que podem variar de acordo com o interesse dos alunos.

E quanto ao primeiro ciclo? Como decidem avançar para esta oferta educativa para os alunos mais novos?

A ideia é oferecer aos pais alguma coisa de novo, mas não oferecer só porque é novo. Queremos um projeto de sucesso. Também tivemos muita sorte com a professora Emília que, de facto, tem vocação, para trabalhar e envolver os alunos destas idades de uma maneira muito diferente. Estamos realmente muito, muito satisfeitos com os resultados deste primeiro ano, e os pais estão muito satisfeitos também.



O REGRESSO AO 1º CICLO AO COLÉGIO DIDÁXIS

Promover o desenvolvimento harmonioso, com o assimilar de conhecimentos e de valores, desde o primeiro contacto com a escola é o objetivo da direção do Colégio Didáxis.

Emília Pinto, a professora que desde setembro coordena a implementação deste novo projeto educativo “fora da caixa”, mostra-se radiante com esta transformação e com os seus resultados.

Os alunos, no arranque do primeiro ano do projeto, não foram muitos. Mas em setembro próximo, para o segundo ano, outras crianças integrarão a turma que se tornou num exemplo. E o que tem de especial? Fomos descobrir.

A porta da sala está aberta, e está assim sempre. Os alunos estudam e realizam as todas as atividades, descontraídos enquanto a música clássica os relaxa e inspira. Ao centro da sala vemos uma árvore com desenhos pintados e que lembram momentos importantes do ano que decorre. Num canto, o espaço de leitura, outro de relaxamento e mais um para as expressões artísticas. Do outro lado há um piano, nunca se sabe quando apetece a algum dos alunos ou à professora dar asas à inspiração. Há textos, e livros também, em inglês, no “English Corner”.

“Os alunos têm cerca três horas de Inglês por semana, sendo estas maioritariamente lecionadas por outro professor, eu leciono uma aula por semana de estudo do meio em Inglês também”, conta Emília Pinto.

Também a Educação Musical ou Educação Física, que integram o currículo dos pequenos alunos, é ministrada por professores especializados. O segredo, adianta Emília Pinto, passa, desde logo, “por ter uma equipa muito bem escolhida, com ótimos professores, muito simpáticos e humanos”.

Na sala, a liberdade dos alunos combina com responsabilidade, que estes assimilam naturalmente. Há uma certa democracia. Quando terminam os trabalhos, podem escolher outras atividades para desenvolverem na sala, do seu interesse, autonomamente.

“Eles são livres, mas têm responsabilidade total sobre os passos que dão aqui dentro. E mesmo em casa, os pais não têm que se preocupar com nada, nem sequer intervir nos trabalhos de casa”, diz a docente.



Essa responsabilização, de que eles gostam, acrescenta Emília Pinto, dá-lhes a possibilidade de terem iniciativa, de tomarem posições, e isso é muito bom, para eles, para o seu desenvolvimento, para a autoconfiança, e também para as famílias. E isso nota-se, por exemplo, no Clube dos Pequenos Leitores. Estes alunos visitaram já outros estabelecimentos de ensino lendo, orgulhosamente, para crianças da mesma idade. “São crianças que gostam de ler, escolhem livros, trocam livros, brincam com os livros é mesmo bonito”, diz a professora.

No Colégio Didáxis têm também excelentes condições, equipamentos para a prática de atividade física em pavilhão ou ao ar livre. E para os mais novos há também uma Horta Biológica, com uma série de coisas plantadas, e que vão acabar por comer na escola ou em casa. Há ainda uma árvore, que os alunos plantaram e que os acompanhará durante os doze anos que irão frequentar o Colégio até ao momento em que terminarem o seu percurso.

Naquela manhã, quando Emília chegou à Didáxis, os meninos estavam reunidos, com alunos mais velhos, a jogar xadrez. A modalidade tornou-se um estandarte do Colégio Didáxis, com praticantes de todas as idades.

Com o passar dos anos, este projeto, esta nova forma de ensinar envolvendo o aluno, dará os seus frutos, acabando por contagiar toda a instituição de ensino. No fundo, há uma espécie de “revolução” a acontecer no Colégio Didáxis, em Riba de Ave. Em julho, o Colégio vai voltar a abrir as portas à comunidade, para que alunos do primeiro e segundo ciclos possam participar, gratuitamente, em workshops diversos, de arte, música, de desporto, ciência, português ou inglês.

Emília Pinto desenvolveu outras atividades ao longo da sua vida profissional, talvez por isso tenha uma visão diferente do que é a vida: “Eu quero preparar pessoas capazes. Não quero alunos só excelentes. Quero ajudar a formar pessoas excelentes em todas as suas dimensões”.





ECOVIAS DE GUIMARÃES

MAIS DOIS TROÇOS NAS MARGENS DOS RIOS AVE E SELHO

TEXTO E FOTOGRAFIAS: HELENA LOPES

Os dois novos troços das Ecovias de Guimarães percorrem as margens dos rios. O objetivo é “incentivar a mobilidade suave, o contacto com a natureza e a prática de atividades ao ar livre”.

Foram, no dia 15 de março, inaugurados alguns dos trajetos da Ecovia do Ave, nomeadamente os percursos entre o Parque de Lazer de Barco e o Parque de Lazer das Taipas, numa extensão de 2,5 quilómetros, e em Brito, entre a Rua dos 8 Moinhos e um troço de 800 metros.

Esta é uma primeira fase das Ecovias de Guimarães, lembrou Domingos Bragança, autarca vimaranense, um “projeto estruturante que tem como objetivo a preservação do património natural e paisagístico do concelho”. Com um compromisso com a sustentabilidade, estes percursos “destinam-se a incentivar a mobilidade suave, o contacto com a natureza e a prática de atividades ao ar livre, contribuindo para a criação do primeiro parque linear de Guimarães”.

Tal só foi possível, acrescentou, graças a um trabalho conjunto entre Câmara, Laboratório da Paisagem com a contribuição dos seus técnicos, e a cedência de espaço por parte dos proprietários dos terrenos por onde passam as ecovias, alguns deles presentes no local. “Só terminaremos esta primeira fase da ecovia, e há sempre muito a acrescentar, quando esta for contígua, não houver interrupções”, afirmou Domingos Bragança.

“Há candidaturas que nos apoiam para termos este parque linear, recuperar açudes, obras de arte, os jardins temáticos, os moinhos como locais de lazer e bem estar. Há tanta coisa bonita a fazer e já sabemos que até outubro não está tudo feito, tem de ser continuado”, acrescentou o edil que foi acompanhado pelos presidentes das Juntas de Freguesia por onde passou no percurso, nomeadamente Luís Pereira [Barco], Luís Soares [Caldelas] e Fátima Saldanha [Brito], para além do presidente da Assembleia Municipal, José João Torrinha, o deputado à Assembleia da República, Ricardo Costa, e os vereadores Sofia Ferreira, Paula Oliveira, Néilson Felgueiras, Ana Cotter e Hugo Ribeiro.

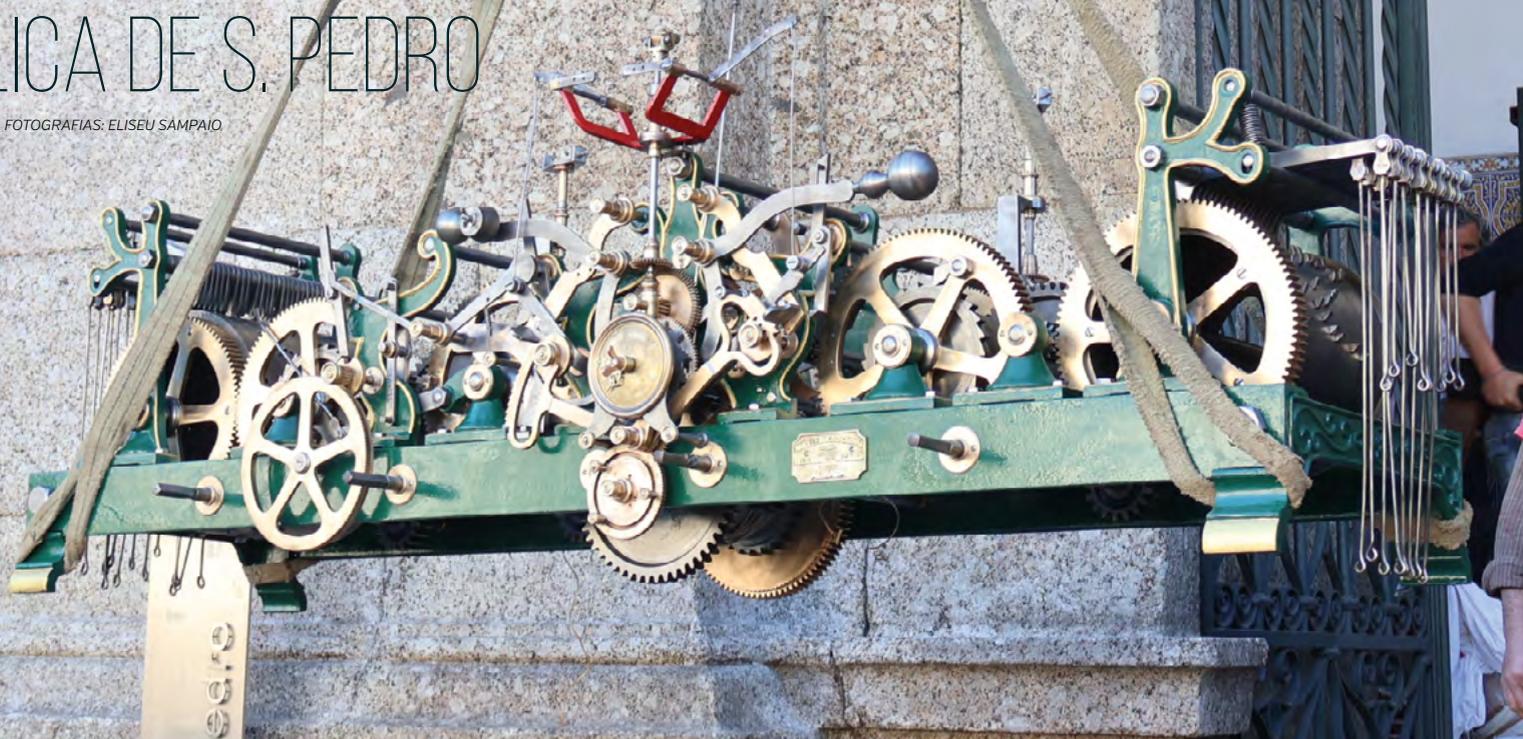
A tarde foi dedicada à Ecovia do Selho, com a presença do Presidente da Agência Portuguesa do Ambiente, José Pimenta Machado.



RELÓGIO CARRILHÃO RECUPERADO

NOS 274 ANOS DA BASÍLICA DE S. PEDRO

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: ELISÉU SAMPAIO



A comemoração dos 274 anos da elevação da Basílica Maior da Igreja de São Pedro, situada no Largo do Toural, ficou marcada este ano pela inauguração do restauro do Relógio Carrilhão da Basílica de São Pedro.

Para a recuperação da máquina, desativada há uns anos, criada em 1948, foi necessário desmontar, limpar, pintar, voltar a montar e lubrificar. Até pode parecer fácil, mas dada a antiguidade da peça, o processo é moroso e minucioso. Agora o Relógio Carrilhão pode ser visitado na Basílica de S. Pedro.

Uma satisfação notória para José Silvino, pároco e Juiz da Irmandade de S. Pedro. “Este é o culminar de um grande percurso, um grande caminho, um grande processo, onde quem espera, desespera, mas também quem espera, sempre alcança”, disse José Silvino, destacando o papel importante que José Arantes, elemento da Irmandade, teve na parte de obra.

“Recuperar património, acho que é uma obrigação de todos os cidadãos, daqueles que podem participar. Quando a Irmandade se propôs recuperar o Relógio da Torre, pedimos a colaboração da Câmara Municipal, que aceitou e tenho que agradecer à vereadora Paula Oliveira, que foi muito importante”. E continuou: “A primeira fase era terminar a recuperação do relógio antes do Natal, um objetivo extremamente difícil, conseguimos a 19 de dezembro. A segunda fase foi mais complexa, porque encontramos as plataformas de acesso ao relógio irrecuperáveis, o que levou à colocação de andaimes, num processo mais complexo”.

José Arantes referiu que “o património tem de perdurar” e que acredita que o que está feito vai durar pelo menos mais de 170 anos. Coube à vereadora Paula Oliveira representar a autarquia nesta cerimónia, onde demonstrou “gratidão à Irmandade de S. Pedro por recuperar um património que é de todos, é património mundial”. “É uma responsabilidade que é de todos, herdarmos um património, valorizar o passado, que nos permite compreender, conhecer e perceber o presente, e todos temos a responsabilidade no legado do património, assim como naquilo que vamos deixar para as gerações vindouras”, acrescentou.

O momento contou com concerto oração pelo padre Jesuíta Duarte Rosado.





RAMPA DA PENHA

ADRENALINA VOLTOU AO PULMÃO DA CIDADE

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: JOÃO BASTOS

Foi a 46ª edição da Rampa da Penha que, mais uma vez, juntou milhares no pulmão da cidade de Guimarães, no fim de semana de 05 e 06 de abril. O tetracampeão nacional Hélder Silva dominou a prova.

Foi o mais rápido nos dois dias de competição da prova promovida pelo “Demoporto”, perante muito público. José Correia e Afonso Santos acompanharam Hélder Silva no pódio absoluto, enquanto José Rodrigues (GT), Parcício Summavielle (Turismo) e Luís Nunes (Super Challenge) triunfaram nas suas categorias. Nota para Miguel Matos, vimaranense, que ficou em segundo lugar na categoria Super Challenge.

Um teleférico concorrido, tal como apelaram as autoridades, para evitar trânsito acumulado e problemas de maior num fim de

semana de sol, convidativo para os amantes da modalidade. Hélder Silva reforçou a liderança da tabela pontual absoluta do Campeonato de Portugal de Montanha JC Group, levando a Norma FC20 da Power House a uma vitória, com domínio ao longo dos dois dias da rampa. Venceu todas as subidas de prova. O piloto da Power House logrou ainda bater o seu recorde pessoal da rampa, rodando na segunda subida de prova em 1:24.055, sendo de realçar que os seus três tempos nas subidas de prova foram os três tempos mais rápidos de todo o pelotão.

José Correia ficou em 2º sem qualquer oposição. O pódio absoluto ficou completo com Afonso Santos no 3º lugar. De resto, fica a promoção turística de Guimarães, a consolidação da prova e o convívio entre a assistência. A próxima prova será a Rampa Internacional da Falperra, que se realiza em Braga de 09 a 11 de maio.





PUB

V.D. EVENTOS

“ACRESCENTAMOS UMA NOVA VISÃO”

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Maio de 2024 viu nascer a V.D. Eventos, empresa que junta três amigos, Joaquim Pereira, Manuel Cardoso (Nelinho) e Miguel Bragança, a experiência e também paixão que partilham na organização de festas.

Tudo começou com um evento em Lousada, que “correu bem”, e com a exploração de simples bar. Depois do click, surgiram de imediato vários convites, sobretudo para a participação e organização em festas no distrito do Porto, mas também de Guimarães.

A participação no Festival Autentika, em Braga, foi o primeiro grande teste, o grande desafio, com a responsabilidade da instalação de todos os bares durante o festival onde passaram quase vinte mil pessoas. A logística do evento obrigou à mobilização de mais de 40 colaboradores.

“PROFISSIONALISMO, VISÃO SOBRE O EVENTO E EXPERIÊNCIA, SÃO ALGUNS DOS TRUNFOS DA VD EVENTOS”, GARANTE MIGUEL BRAGANÇA

Em Guimarães participaram, em fevereiro, a convite da associação Sol do Miral, na organização do Carnaval de Pevidém, em que o objetivo foi “criar um Carnaval na cidade de Guimarães, com qualidade e que envolvesse a população, e o propósito alcançado”. Em breve, a V.D. Eventos estará também presente nas festas

de Nossa Senhora da Luz, em Creixomil, com a novidade de uma Festa da Juventude, e com a exploração dos bares. Com o passar do tempo, a V.D. Eventos começou a ser solicitada para participar na contratação de artistas, DJ's e para tratar de toda a logística na organização de festas populares, romarias, festivais e até festas universitárias. A empresa presta ainda o serviço de aluguer de equipamentos de som, luz e imagem.

A EXPERIÊNCIA DE JOAQUIM PEREIRA NA GESTÃO DAS EQUIPAS E DOS BARES, DE MIGUEL BRAGANÇA NA LOGÍSTICA, E DE MANUEL CARDOSO NAS RELAÇÕES COMERCIAIS SÃO GARANTE DE SUCESSO

Um dos grandes objetivos da V.D. Eventos, até porque os gerentes são vimaranenses, é “ajudar a nossa terra a dinamizar os seus eventos e atualizá-los, mudando um pouco o paradigma para atrair pessoas de outros concelhos”, diz Manuel Cardoso.

Fruto da visão da equipa que compõe a V.D. Eventos, a empresa tornou-se, recentemente, embaixadora da Cutty Sark em Portugal.

Nos planos, está a organização de uma festa para celebrar o primeiro aniversário da V.D. Eventos, empresa recente, mas que promete dar que falar.





"COMUNICAÇÃO SOCIAL LIVRE, ISENTA FAZ PARTE DA DEMOCRACIA"

TEXTO: RUI DIAS • FOTOGRAFIAS: GABINETE DE IMPRENSA

A Associação Gabinete de Imprensa de Guimarães promoveu, a 29 de março, o colóquio "Desafios da Comunicação Social Regional", com a participação de Carlos Abreu Amorim, Secretário de Estado Adjunto e dos Assuntos Parlamentares.

A sessão contou com os apoios da Assembleia de Guimarães – local do encontro – e da Associação Tertúlia Nicolina. Numa altura em que o Governo se encontra em processo de gestão – dada a realização de Legislativas antecipadas – Carlos Amorim veio abordar um plano composto por 30 medidas, das quais apenas conseguiu cumprir um terço, mas que garante que farão parte da "pasta de transição" para que, quem vier a seguir, depois de 18 de maio, data do sufrágio, lhe possa dar continuidade.

"Nunca existiu um plano para a Comunicação Social, ou uma política pública estruturada com princípio, meio e fim, que soubesse calibrar as medidas de emergência, que socorrem ou, de alguma maneira, tentam colmatar uma outra falha mais grave, criada pelo funcionamento, pela evolução tecnológica e tudo isso que nós conhecemos", disse Carlos Abreu Amorim, consciente de que é necessário dar "prioridade ao que já está e estava diagnosticado, como problemas que têm quase três décadas e só se têm vindo a agravar".

E tudo isto, disse, "não é um problema que começou com o Governo anterior, ou com o Governo que o antecedeu", é um problema "que se arrasta há algumas décadas e que se tem vindo a agravar". "A velha questão da imprensa em papel e do digital... a imprensa escrita, no sentido de papel impresso, não desapareceu e até há gente que percebe disto muito mais do que eu, que diz que não só não vai desaparecer, como vai conviver com outras formas", adiantou o Secretário de Estado, afirmando que "mais depressa desaparecerá o digital, tal como o conhecemos hoje, por outro tipo de plataformas e outro tipo de evoluções tecnológicas, que vão fazer com que a leitura da comunicação seja fundamental".

"SEM COMUNICAÇÃO SOCIAL LIVRE, NÃO HÁ DEMOCRACIA"

E o que é fundamental? "É existir Comunicação Social livre, isenta, porque ela faz parte da democracia". Lembrou Carlos Amorim que quando chegou a televisão, "toda a gente disse que a rádio ia desaparecer, que os jornais também iam atrás". "As pessoas que estão mais próximas da minha idade, já ouviram esta história, esta melodia, algumas vezes". Rádio, televisão, jornais impressos ou digitais, o importante é que existam, diz o Secretário de Estado: "O importante é termos Comunicação Social, independentemente do meio, da forma como se expressa, da plataforma, que informe, que construa, que acabe por fazer parte daquilo a que nós, pelo menos há 200 e alguns anos, chamamos de democracia. Sem comunicação social livre, não há democracia".





Mas, no meio de tudo isto, qual o papel do Governo, perante a dificuldade da Comunicação Social local e regional? “Muita gente, especialmente determinadas forças políticas, dizem que um plano do Governo para a Comunicação Social só pode ter um fito. São as teorias conspirativas, como sabemos, elas pululam por aí, são sempre muito fortes. Se o Governo tem, seja qual for o Governo, um plano para a Comunicação Social, é porque quer dominar, controlar, guiar, dirigir. Sabemos que houve Governos, e existiram muitos na história, que fizeram isso ou, de uma maneira mais direta ou de uma maneira mais indireta. Não é essa a lógica que este Governo tem”, garantiu.

“Nem podia ser por imperativo, em primeiro, pela questão constitucional, e também por exigência daquilo que é a nossa consciência democrática, porque o nosso Governo é democrático e convive muito bem com a democracia”. Depois, porque “sabe perfeitamente que hoje, grande parte dos perigos que existem para a democracia, decorrem do enfraquecimento da Comunicação Social, às vezes quase a falência das lógicas perenes do jornalismo. E a ideia de que a comunicação e a informação nos pode vir de qualquer lado, de qualquer plataforma, sem estar sujeita às regras que sempre fizeram com que o jornalismo fosse aquilo que o jornalismo foi nos tempos em que, assim, orgulhosamente era falado”, disse Carlos Abreu Amorim.

É preciso dar condições aos jornalistas, às empresas de comunicação, a opinião é unânime. “Até porque há aqui um outro fenómeno, porque, no fundo, a questão prejudicial no meio disto tudo, é que, de facto, a evolução tecnológica existiu e mudou as lógicas, as preferências, os hábitos de leitura e a forma como as pessoas estavam habituadas a comunicar”. “E foi num instante, e esse processo de adaptação, demorando o seu tempo, fez com que desaparecessem alguns títulos, alguma comunicação, que algumas pessoas saíssem desta área, deixassem de ser clientes, digamos assim. Portanto, é necessário passar à ação”.

“VAMOS FAZER UMA PASTA TRANSIÇÃO MUITO CRITERIOSA”

Entre as medidas de ação estão protocolos em que os territórios que não têm distribuição de jornais passem a ter, sendo o Governo responsável por isso. “Criámos uma solução que resolva o abandono dos territórios, essa entidade que é única compromete-se com o Governo a não abandonar mais territórios até encontrarmos uma solução”. A solução estava encontrada, mas, “infelizmente não foi para a frente pela queda do Governo”, no entanto, Carlos Abreu Amorim deixou a garantia de que fará “uma pasta transição muito criteriosa”, que, “não é obrigatória, a Constituição não fala nisso, mas é um costume constitucional, que nunca é cumprido. Vamos fazer uma pasta com dossiers e vamos divulgá-la, que é para ninguém depois dizer que não sabia o que é que lá está”.

Em relação ao deserto da distribuição, “foi-nos também dito que isto já durava há anos e que os Governos iam sendo alertados, mas que ninguém os ouvia [...] dentro de algum tempo, se isto continuar, uma zona litoral, vá, 50 quilómetros de litoral pode ter distribuição de jornais e o resto do país não interessava nada”. A medida passa pela preparação completa de um concurso público internacional “em que o Estado assume como diretriz da sua política pública a obrigatoriedade de quem ganhar o concurso distribuir periódicos por todo o território nacional”. Não podemos viver num país em que um cidadão por viver em Lisboa, no Porto ou em Guimarães tem determinados direitos, mas um cidadão que vive em Mogadouro já não tem”, avançou. O concurso seria para lançar em março, mas o Governo caiu.



“HÁ UMA CORRENTE DE OPINIÃO QUE ACHA QUE AS IMPRENSAS REGIONAIS E LOCAIS NÃO FAZEM SENTIDO”

Em relação à imprensa regional ou local, há uma série de medidas, mas que, segundo o político, não podem ser vistas uma a uma. “Se queremos ter uma política pública, as medidas têm que bater certo umas com as outras, tem de haver uma unidade lógica”.

Algumas já foram executadas, como por exemplo, a questão do porte pago, já foi aprovado, já saiu o decreto-lei. “Dobrámos o porte pago, que era de 40% para 80%”.

E devo dizer que há pessoas com muita voz nesta área que têm artigos escritos contra”. “É público que o atual presidente do Conselho Geral da RTP, que é contra o porte pago”.

Há ali uma corrente de opinião que é, acham que as imprensas regionais e locais não fazem sentido”.

Carlos Abreu Amorim falou de um conjunto de medidas “já prontas” que só não foram assinadas porque “se entendeu que um Governo de gestão não o podia fazer”. “Há coisas que se podem fazer se forem inadiáveis e há outras que não se podem fazer porque podem ser adiadas, só que o adiamento neste país é uma coisa muito complicada, muitas vezes acaba por se tornar um vício, quase. E confesso que me custou bastante, daí eu falar da urgência e, neste momento, está o processo parado”.

Entre o pacote de medidas estão apoios à contratação do primeiro jornalista, ou seja, o Estado responsabiliza-se pelo pagamento de estágios remunerados ao primeiro jornalista, daquelas entidades de comunicação social que não têm jornalistas ao seu serviço.

“E muitas existem na Comunicação Social Regional, porque têm os equiparados e não os jornalistas, e dizem que não podem contratar porque não têm dinheiro”, afirmou. “Mas também tínhamos um outro programa em que aqueles que já têm jornalistas, poderão contratar mais e, portanto, fortalecer”. No entanto, acrescentou, “os apoios financeiros são tão elevados que, pela primeira vez”, teve “experiências inesperadas”: “Nunca pensei que ia ter um Sindicato à minha frente a pedir-me para baixar os apoios aos seus

próprios jornalistas porque eram tão elevados que os jornalistas em estágio iam ganhar mais do que aqueles que já lá estavam. E isso ia provocar, como se diz no futebol, alguma confusão no balneário”.

Relativamente ao suporte, ao apoio à Comunicação Social, poderão também as Câmaras Municipais, o poder local, se envolverem neste apoio? “Há pouco, disse que a Comunicação Social local e regional, para o governo local, é tão fundamental como a Comunicação Social nacional é para a lógica do Estado de direito. E planeava envolver também as Câmaras Municipais, fizemos isso, apresentámos na Assembleia da República, em outubro de 2024”.

No regime jurídico das autarquias locais, “nomeadamente no seu artigo 56, diz que as deliberações dos órgãos autárquicos devem ser publicadas na imprensa local e regional, e nunca ninguém cumpriu”, avançou. “Elaborámos, fomos justificar o problema, verificámos que a norma estava adaptada, a redação original era dos anos 90, e em 2013 fez-se um copy-paste, portanto, tivemos que mudar, e adaptar evolutivamente esse artigo 56 do regime, assim como incluir os jornais digitais que não estavam incluídos, e tentar seriar um bocadinho, porque esta obrigação obedece ao princípio da publicidade e da transparência, mas é um custo para a autarquia”.

No entanto, isso tem de ser feito por lei na Assembleia da República. “Em outubro foi levado a debate, foi aprovado e foi defendido, aliás, de uma forma, enfim, permitam-me o elogio, brilhante pelo seu deputado Ricardo Araújo, e o que aconteceu foi que foi para a Comissão do Poder Local, e o presidente, que é jurista, mas estranho, virou-se para mim e disse que era inconstitucional”. “Fiquei com a convicção que ele não sabia o que estava a dizer, ou pelo menos estava equivocado, e que não tinha percebido que aquela exigência já está na lei há mais de 20 anos, e que tinha uma razão de ser”, continuou.

No entanto, surge o custo para as autarquias: “A única coisa que falhava”. Foi aprovada na generalidade e nunca chegou a votação final global, o Parlamento foi dissolvido. A ver vamos o que o futuro reserva depois de 18 de maio.





ABRIL COM CANTIGAS DE MAIO

MÁRIO SOARES E 50 ANOS DO PODER LOCAL

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

Guimarães vai viver a partir de 22 de abril até 03 de maio a iniciativa “Abril com Cantigas de Maio”, um programa cultural que celebra os 51 anos da Revolução dos Cravos, os valores do 25 de Abril e o centenário de Mário Soares. O evento, promovido pelo Município de Guimarães, inclui poesia, música, cinema e momentos de reflexão sobre democracia.

O evento surge de uma parceria entre várias entidades culturais, nomeadamente o Convívio – Associação Cultural, o Cineclube de Guimarães, o Centro Infantil e Cultural Popular, o Círculo de Arte e Recreio [CAR], a Sociedade Martins Sarmiento e a Sociedade Musical de Pevidém e a Banda de Caldas das Taipas. Juntas, estas instituições unem esforços para relembrar os valores do 25 de Abril e celebrar o centenário de Mário Soares, figura “fulcral na nossa história democrática e da luta contra a ditadura fascista”, destaca o Município.

Entre os destaques, está a conferência “Atualidade de Mário Soares, um século após o seu nascimento, meio século após o 25 de Abril”, com o jornalista Joaquim Vieira, organizada pela Sociedade Martins Sarmiento. A iniciativa vai ocorrer às 18h00, no dia 22 de abril.

Já no dia 23 de abril, o cineasta Manuel Mozos vai abordar a censura

no cinema antes da Revolução, no Teatro Jordão.

No Largo do Toural, a partir de 24 de abril, o público poderá assistir à inauguração do mural “Cumprir Abril”, participando numa sessão aberta de música, poesia e teatro, celebrando os valores do 25 de Abril.

Na noite de 24 de abril, à Orquestra da Sociedade Musical de Pevidém junta-se o Coro Comunitário da Liberdade criado para efeito, os TetrAcord'Ensemble, o Cineclube de Guimarães e alguns convidados para um concerto designado por “Sons da Liberdade”.

No dia 03 de maio, às 19h00, será apresentada a Fanzine com base na vida de Virgínia Moura e Mário Soares. A iniciativa vai ser apresentada no Círculo de Arte e Recreio.

Ainda alusivo à data, o Centro Cultural Vila Flor também irá antecipar a exibição dos quatro episódios da série “Guimarães Daqui Houve Resistência”, que será transmitida pela RTP a 26 e 27 de abril.

Este programa vai ainda incluir um concerto de jazz, homenagens poéticas e outras surpresas culturais para todos os gostos, permitindo à cidade de Guimarães recordar e celebrar a luta pela liberdade.

PUB



CAMILO CASTELO BRANCO

200 ANOS DE UM GÊNIO IRREVERENTE

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

No bicentenário do nascimento de Camilo Castelo Branco, revisitar a sua vida e obra é mais do que uma homenagem, é um resgate necessário de uma das figuras mais icônicas da literatura portuguesa. Escritor polémico e apaixonado, Camilo Castelo Branco marcou a literatura nacional com o seu estilo irreverente e a sua capacidade impar de narrar paixões intensas e críticas sociais incisivas. Capaz de escrever em todos os géneros literários, Camilo Castelo Branco foi o primeiro autor português a viver a 100% da profissão, quer como jornalista quer como escritor, muitas vezes a lutar afincadamente pela sobrevivência, ou a vender bens, em especial livros, para subsistir.

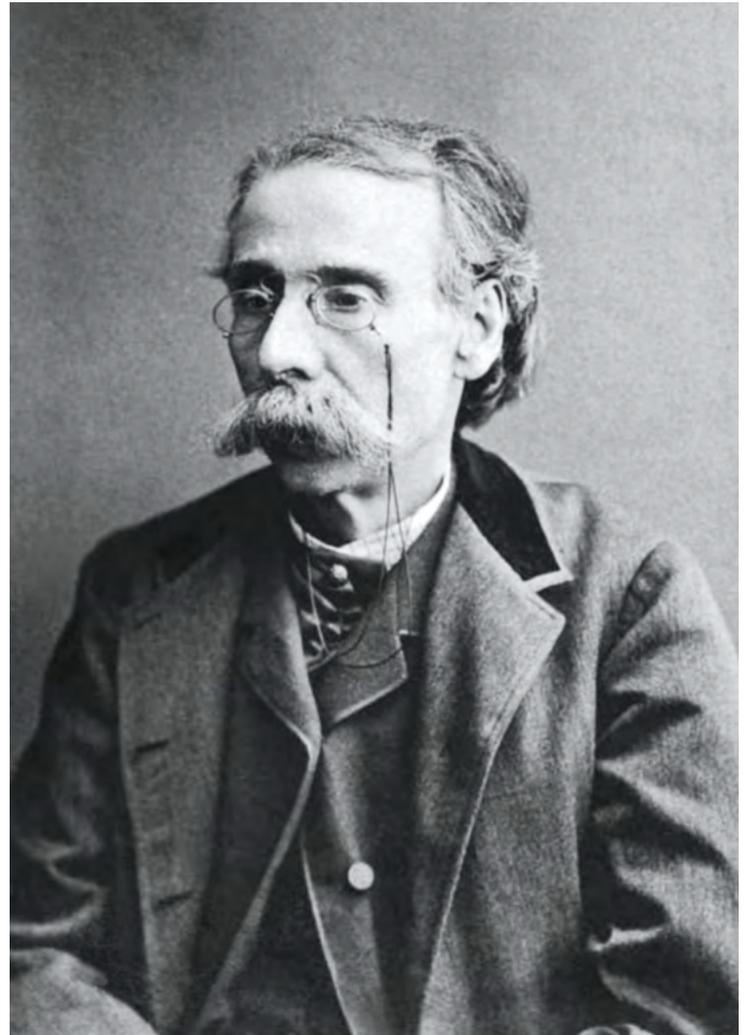
Para compreender melhor a sua relação com Guimarães e o impacto da sua escrita, conversámos com Álvaro Nunes, professor aposentado e profundo conhecedor da obra camiliana. Deste modo, para além de um apaixonado pela literatura portuguesa e autor fundamental do opúsculo camiliano apresentado na União de Freguesias de Cidade, Álvaro Nunes dedicou parte da sua vida ao ensino, abordando Camilo várias vezes na sua atividade docente, como ainda agora acontece na UNAGUI, no âmbito do projeto “Viagens com Livros”. Aliás, seria em consequência da sua profissão, professor de português, que nasceu o seu interesse em estudar Camilo Castelo Branco e tantos outros autores.

Relativamente a Camilo, Álvaro confessa que o fascínio camiliano, surge não apenas pelo escritor consagrado que foi, mas pela complexidade do homem que existiu por trás da pena, pelas suas contradições, irreverências, nomeadamente a “atribulada” vida amorosa e espírito crítico e sarcástico.

UM ESCRITOR DE PAIXÕES E CONTRADIÇÕES

Camilo Castelo Branco viveu intensamente, tanto na vida pessoal como na literatura. Nascido em 16 de março de 1825, precocemente ficou órfão de mãe aos dois anos e de pai cerca dos 10 anos, pelo que cresceu num ambiente de instabilidade familiar em Vila Real, na casa de uma tia paterna Rita Emília e posteriormente em Vilarinho de Samardã, com a irmã Carolina Rita, que aí casara. Camilo também se casaria pela primeira vez aos 16 anos, com Joaquina Pereira, França, de Ribeira da Pena, ao que consta, num casamento motivado pelo acesso à herança do pai e impulsos adolescentes. Um casamento que acabaria por não vingar, do qual nasceria a filha Rosa, que poucos anos mais tarde morreria, bem como a respetiva mãe.

De facto, esta turbulência pessoal e a irreverência romântica transparecem na sua escrita. “Camilo Castelo Branco acreditava que as convenções sociais eram para romper”, explica Álvaro Nunes. “Era um romântico, que acreditava no poder do sentimento e o amor estavam acima de tudo. Assim, esse espírito transgressor levou-o a viver vários casos amorosos entre os quais com Patrícia Emília de Barros, de cuja relação nasceu Bernardina Amélia, ou pela freira Isabel Mourão, que mais tarde cuidaria desta filha. Mais tarde, vivenciaria o caso extraconjugal com Ana Plácido, que lhe custou a prisão na Cadeia de Relação do Porto, por acusação de adultério movido pelo marido Pinheiro Alves. Seria na cadeia que escreveria uma das suas obras mais marcantes como “Amor de Perdição” e “Memórias do Cárcere”, obra que alude as suas relações com o vimezanense e amigo Francisco Martins Sarmento. Efetivamente, a sua escrita oscilava entre o romantismo apaixonado e a sátira mordaz. “Pessoalmente, prefiro as suas novelas mais críticas”, admite o professor. “Camilo era um



escritor que conseguia desmontar a hipocrisia social com ironia e inteligência. Foi o que fez, por exemplo, em “A Queda de um Anjo”, obra em que o protagonista Calisto Elói, provinciano e legitimista, deputado parlamentar, acaba corrompido pelo sistema, e, claro, pelo amor pela brasileira Ifigénia, a mulher fatal, renegando a sua esposa Teodora com quem casara em Caçarelhos. Caía o anjo nos vícios lisboetas da Regeneração que combatera inicialmente com veemência”.

“ERA UM ESCRITOR QUE CONSEGUIA DESMONTAR A HIPOCRISIA SOCIAL COM IRONIA E INTELIGÊNCIA”

ÁLVARO NUNES

Quanto à evolução da escrita camiliana, Álvaro Nunes acredita que é possível dividi-la em três grandes fases, profundamente marcadas pela sua vida pessoal e pelas circunstâncias históricas do seu tempo.

A primeira fase é a da formação e descoberta, algo incomum, e romanesca ou folhetinesca, marcada por ações complicadas e longas tiradas sentimentais, ainda que já sob um estilo seguro e rico. Nesta fase, o contacto com os costumes populares e a linguagem da província moldaram o seu estilo literário que viria a marcar a sua obra, nomeadamente em muitos regionalismos que mais tarde viriam a ser assumidos por outros escritores como Aquilino Ribeiro. “Curiosamente, Camilo Castelo Branco começou na poesia e acabou na poesia”, ressalva Álvaro Nunes. Cultivou ainda a dramaturgia e a polémica, género em que malhava hábil e feroz nos seus contadores, que levaria Castilho a apelidá-lo de “marreta e ferro”. “Porém, seria na prosa, novela e romance que encontraria o seu caminho. Anátema seria a sua primeira obra e foi a sua fase mais dispersa”, conta o historiador.

Seguir-se -ia a fase de aventura e instabilidade, com uma juventude irreverente e boémia da qual resultou a obra “Amor de Perdição”, que veio a revelar-se como uma das maiores narrativas românticas da literatura nacional. Uma fase, sensivelmente iniciada a partir da década 60, aquando da prisão, altura em que também escreve as “Memórias do Cárcere”, obra na qual aborda a sua permanência em Guimarães e sua amizade com Francisco Martins Sarmento.

É ainda neste período que Camilo se envolve em diversas relações amorosas, casa ainda com Joaquina Pereira com 15 anos e constata-se que teria alistado na guerrilha miguelista. Uma fase em que também abandona sucessivamente projetos académicos, como o Seminário Episcopal do Porto e a Escola Médica, o que revela a sua instabilidade e irreverência, que Camilo parcialmente atribui à sua situação de orfandade precoce: “eu nunca tive seio de mãe onde encostar a cabeça”.

A terceira fase, por sua vez, inicia-se com a publicação das oito “As Novelas do Minho”. Nesta fase, o escritor enfrentou um conflito entre o romantismo e o realismo, acabando por incorporar várias das características do realismo, precisamente aquelas que, em tempos, procurara ridicularizar nas suas obras. Nesta altura, Camilo afirma-se como um nome incontornável do panorama literário português, com uma produção quase anual, intensa e marcada por temas religiosos, polémicas ideológicas e desilusões amorosas.

Álvaro Nunes defende que todas estas vivências – as tragédias familiares, mais tarde agravadas por mortes como a neta Camila, o filho louco Jorge e Nuno, o filho doidivas, assim como as paixões inconstantes, os escândalos sociais e os períodos de clausura e os indícios de cegueira que o levam ao suicídio, compõem uma vida emocional que marcaria a própria obra. “Há uma frase de Camilo que exemplifica muito bem esta suposição: faço romances e expio os meus pecados. Pessoalmente, acho que esta frase tipifica claramente a influência, da sua vida na obra, ainda que amiudadamente filtrada pela efabulação criativa”, recorda o professor.

Aliás, Camilo em algumas das suas obras, parte de situações reais que efabula para provocar o efeito de verosimilhança. Por exemplo, em “Amor de Perdição” o herói romântico é o seu tio Simão Botelho, cujo registo de prisão descobre na Cadeia de Relação do Porto. Tal aconteceria também na novela “A Viúva do Enforcado”, com ação em Guimarães, ao aludir o caso real e histórico do assassinato dos lentes miguelistas em Coimbra, no qual participa o dito “enforcado”.

“FAÇO ROMANCES E EXPIO OS MEUS PECADOS”

CAMILO CASTELO BRANCO

Considerado um romântico por natureza, em especial nas intrigas, Álvaro Nunes assume que Camilo Castelo Branco colocava o amor acima de tudo, não receando os comentários públicos. “Primeiro o coração e o sentimento, pois o pudor, é algo secundário”. Tal postura parece evidente na frase emblemática de Camilo: “o pudor sucumbe ao despotismo do coração”.

“O PUDOR SUCUMBE AO DESPOTISMO DO CORAÇÃO”

CAMILO CASTELO BRANCO

A PASSAGEM DE CAMILO CASTELO BRANCO POR GUIMARÃES

No rasto do bicentenário do nascimento de Camilo Castelo Branco, Guimarães assume-se como uma paragem significativa, ainda que discreta, no percurso atribulado do escritor, assim como Fafe, na casa do amigo Vieira de Castro.

Realmente, foi no decurso da sua fuga à justiça que Camilo se refugiou na cidade-berço, e solidificou a sua amizade com Francisco Martins Sarmento, que lhe concedeu refúgio nas Taipas e no Solar da Ponte, em Briteiros.

Com efeito, a ligação entre Camilo e Martins Sarmento nasceu de afinidades intelectuais e consolidou-se num respeito mútuo, refletido em encontros que alimentavam discussões sobre literatura, ciência e política. Em “Memórias do Cárcere”, Camilo Castelo Branco ressalva isso mesmo: “procurei o conhecido, e achei um amigo, como usam raramente ser os irmãos”. Efetivamente é no transcurso do tempo em que Camilo Castelo Branco começa a ser perseguido pela justiça, devido à acusação de adultério, que a presença em Guimarães se torna mais efetiva, isto porque, pede abrigo e auxílio ao vimaranense e amigo Martins Sarmento, que lhe abre portas. Estes momentos, como já dissemos, são, na sua maioria, contados em “Memórias do Cárcere”, obra escrita no decurso da sua prisão por acusação de adultério. Na verdade, Camilo refere essas incidências no Discurso Preliminar da citada obra, referindo-se a Martins Sarmento: “não vi onde encostar a cabeça febril, e lembrou-me que tinha ali um conhecido, um poeta, um homem de existência amargurada”.

“PROCUREI O CONHECIDO, E ACHEI UM AMIGO, COMO USAM RARAMENTE SER OS IRMÃOS” CAMILO

CASTELO BRANCO

Dessa forma, a amizade foi ganhando cada vez mais força. Desde as visitas às termas taipenses aos passeios de barco no rio Ave, a vida Camilo Castelo Branco mudara, consolidando esta amizade perenemente. Posteriormente, passou a viver no Solar da Ponte, propriedade de Martins Sarmento e atual Museu de Cultura Castreja, de cuja casa avistava a Citânia de Briteiros.



Uma amizade que se consolidaria na crítica às obras individuais de ambos, à escrita de parceria da obra “Óbolo às Crianças”, com finalidade filantrópica e até à simulação de uma polémica fictícia entre ambos e uma imensa troca de correspondência. Uma amizade que também se traduziria na dedicatória da obra “O Bom Jesus do Monte” e “O Regicida” a Martins Sarmiento, bem como na crítica camiliana à obra sarmentista “Citânia”.

Guimarães seria também um destino frequente depois de se instalar em S. Miguel de Seide com Ana Plácido, casa herdada por Manuel Plácido, por morte do suposto pai Manuel Pinheiro Alves, Com efeito, Camilo passou a visitar Guimarães com regularidade por razões múltiplas, desde logo como o convívio com Martins Sarmiento e as tertúlias no “berço da monarquia”, mas também o vício do jogo.

De facto, uma situação referenciada por Raul Brandão nas suas Memórias II e pelo escritor local Alfredo Guimarães:

“Rompia a cavalo pela rua dos Pombais – quase sempre com o seu filho Jorge; e subindo as ruas dos Gatos [atual rua D. João I], S. Domingos e Toural [lado sul]. Ia instalar-se na antiga Hospedaria da Gaita, que ficava ao princípio da rua de Mata Diabos.

De dia, o romancista passeava na feira, conversava em certas lojas, preparava no botequim do Vago-Mestre e estudava, talvez esses tipos cheios de observação da sua novela “A Viúva do Enforcado”. O Eusébio Macário devia ter tido ali, também, um grande estudo. E outro tanto a cena da Enjeitada, da criança exposta na roda de Guimarães, que ele por certo colheu de algum caso da travessa que faz face ao edifício da Câmara daquela cidade, chamada ainda hoje Travessa dos Enjeitados.

[...] No botequim da terra, à noite, Camilo jogava imenso; e perdia quase sempre.

[...] Era assim que passava os sábados em Guimarães”.

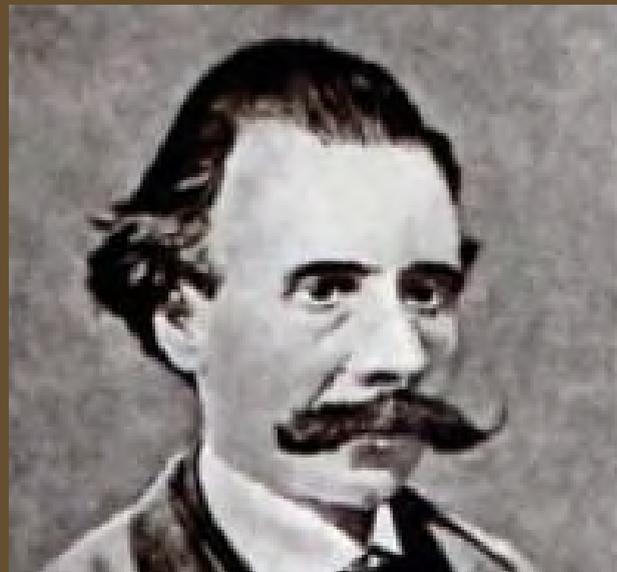
Contudo, esta ligação a Guimarães encontra sobretudo eco na sua obra. Com efeito, nas oito “Novelas do Minho”, Camilo transforma o Norte profundo em matéria literária, e Guimarães surge como referência geográfica, em especial na citada “Viúva do Enforcado”. Igualmente, são inúmeras as referências à cidade nas suas obras. Cite-se, por exemplo, entre muitas, “A Brasileira de Prazins”, narrativa que se desenrola no tempo das lutas entre liberais e absolutista, “A Caveira da Mártir” ou “Anátema”, romance que referencia a formosura das filhas de Guimarães. Alusões que perpassam ainda pela obra “A Bruxa do Monte Córdova” que denuncia o abuso dos poderosos e frades, elogiando neste domínio o papel do jornal “O Azemel Vimaranesense”.

Porém, uma das narrativas com uma grande projeção da cidade de Guimarães é sem dúvida “A Viúva do Enforcado”, que a SIC adaptou em série televisiva nos anos 90. Nesta criação, o escritor traça um retrato sombrio das tensões morais e sociais das comunidades minhotas, em que a tragédia pessoal se desenha sobre um fundo de normas implacáveis e reputações frágeis e Guimarães simboliza também o peso das convenções e da autoridade formal e paterna, em especial no que concerne ao casamento de suas filhas.

Dois séculos após o seu nascimento, Camilo Castelo Branco continua a afirmar-se como um dos escritores de maior relevância na literatura portuguesa. Parte desse reconhecimento deve-se também ao trabalho desenvolvido por quem se dedica a estudar, divulgar e contextualizar a sua obra, particularmente instituições como a Sociedade Martins Sarmiento, ou a Casa –Museu de Camilo, em Seide.

De facto, através destas investigações institucionais e particulares, torna-se possível não só preservar a memória do autor, mas também renovar o olhar sobre uma obra que permanece viva pela densidade das suas personagens, estilo peculiar e rigoroso, e pela capacidade singular de traduzir os dramas humanos em literatura. Por isso, Camilo suscitou em Guimarães admiradores. É o caso de João de Meira, [1881-191], médico, investigador histórico e escritor vimaranense, mestre do pastiche. De facto, notável cultivador da arte da imitação, João de Meira escreveria “Eusébio Macário em Guimarães”, à laia do Eusébio Macário camiliano. Uma narrativa que transfere Eusébio Macário, onde instala a sua farmácia na Porta da Vila, paredes meias com o Toural, e que ainda inclui uma novela passionnal revivida por Eusébio e sua esposa Eufémia Troncha, em S. Torcato, no decurso da transladação do santo e da primeira Romaria Grande torcatense.

INICIATIVAS DO BICENTENÁRIO CAMILIANO E ESPAÇOS A VISITAR



As comemorações dos 200 anos do nascimento de Camilo Castelo Branco têm vindo a marcar presença um pouco por todo o país. Em Guimarães, a efeméride ficou assinalada com a apresentação do opúsculo Guimarães, 200 anos do nascimento de Camilo Castelo Branco, da autoria dos professores Álvaro Nunes e Fernando Capela Miguel, numa sessão promovida pela Junta da União de Freguesias da Cidade, em 16 de Março, data de nascimento de Camilo.

Crê-se, porém, que além do opúsculo estará na calha a produção do livro “Camilo e(m) Guimarães”, por Álvaro Nunes, Capela Miguel, com ilustrações J. Salgado Almeida, eventualmente a apresentar a 01 de junho, data da morte do autor, bem como se projeta a execução dum carro alegórico, a desfilar no decurso da Marcha Gualteriana.

Também na Sociedade Martins Sarmiento, pode ser vista uma exposição dedicada à relação entre o autor e Francisco Martins Sarmiento. Para além disso, ainda está ainda patente uma exposição evocativa no espaço cultural da empresa Carlos Marques, que pode ser visitada até 23 de abril, de segunda a sábado, entre as 9h00 e as 19h00, bem como uma amostra camiliana na União de Freguesias da Cidade.

Por seu turno, nas Caldas das Taipas, a 30 e 31 de maio, Camilo será também evocado no Festival Thermos, uma organização programada no âmbito de uma parceria entre a Junta de Freguesia de Caldelas e a Cooperativa Taipas Termal. Um evento que reunirá vários escritores e passará também pela representação da peça camiliana “O Morgado de Fafe” em Lisboa, uma comédia encenada por o Grupo de Teatro Passos da Alegria, de Fafe.

Cite-se ainda, na vila das Taipas, a ocorrência em 16 de Março dum Almoço Camiliano, promovido pela Confraria Terras de Vimaranes.

Acrescente-se ainda que em Fafe foi inaugurado o Centro Interpretativo Camilo em Passos, que propõe uma imersão na vida e obra do autor através de um percurso expositivo que alia literatura, história e património.

Por sua vez, em Famalicão, permanece visitável a Casa –Museu de Camilo, em Seide, onde o escritor viveu com Ana Plácido e escreveu parte da sua obra, um espaço digno de uma visita.

Agenda Cultural de Guimarães

ABRIL 2025



© DIREITOS RESERVADOS

A GAROTA NÃO

3 de maio - Centro Cultural Vila Flor

A Garota Não leva ao palco a força da intervenção com sensibilidade e reflexão sobre o mundo atual. Depois do aclamado álbum 2 de abril [2022], venceu vários prémios, incluindo o Globo de Ouro de Melhor Intérprete e os prémios José da Ponte e José Afonso. A 03 de maio prepara-se para lançar um novo álbum, cujo concerto de apresentação acontece em Guimarães. Uma oportunidade para ouvir, ao vivo, uma das vozes mais relevantes da música portuguesa contemporânea.



© DIREITOS RESERVADOS

CRISTINA TALKS

18 de maio - Multiusos de Guimarães

Depois do sucesso das edições anteriores, as CRISTINA Talks regressam para a última sessão, de novo em Guimarães – a cidade onde tudo começou. Cristina Ferreira, apresentadora e empresária, sobe ao palco acompanhada por oradores surpresa, num evento que promete momentos de partilha, inspiração e reflexão. Com uma abordagem intimista e motivacional, esta edição final quer deixar uma marca pessoal em todos os participantes. Um encontro pensado para quem procura mudança, força interior e novas perspetivas sobre a vida e os seus desafios.

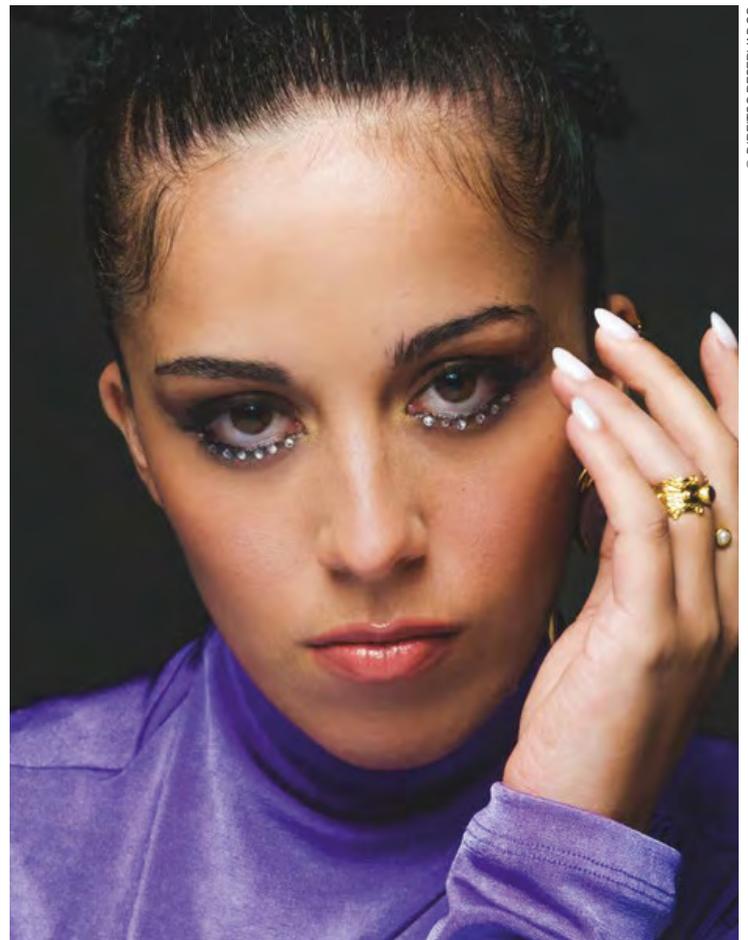


© DIREITOS RESERVADOS

COMIC-CON KIDS

3 e 4 de maio - Multiusos de Guimarães

A Comic-Con Kids é um evento dedicado às crianças e às famílias, onde a cultura pop ganha vida através de espaços temáticos, atividades criativas, jogos interativos e encontros com personagens. Com sessões de manhã e à tarde, promete muita diversão e momentos inesquecíveis para miúdos e graúdos. Os bilhetes variam entre 20€ [individual] e 68€ [pack familiar], sendo gratuito para crianças até 2 anos. Uma experiência mágica para todos os que vivem e sonham com o universo pop.



© DIREITOS RESERVADOS

SARA CORREIA

24 de maio - Centro Cultural Vila Flor

Sara Correia apresenta Liberdade, o seu terceiro disco e “o mais fadista”, onde cruza tradição e inovação com arranjos modernos e sonoridades ecléticas. Nomeada para um Grammy Latino e com dois álbuns premiados, afirma-se como uma das grandes vozes do fado contemporâneo. Acompanhada por uma banda de excelência, leva a palco um espetáculo coeso e emocional, com cores e influências diversas, sempre enraizado na alma do fado. Uma celebração da liberdade artística e da portugalidade em estado puro.



© DIREITOS RESERVADOS

TRAIL ERDAL URGEZES SOLIDÁRIO

11 de maio - Guimarães

O Trail Erdal – Urgeztes Solidário [TEUS] celebra a sua 10.ª edição com um percurso que exalta a beleza da Penha e assinala Guimarães como Capital Verde Europeia. Mais do que uma prova desportiva, é um evento comunitário e solidário, aberto a todos os que queiram participar num ambiente de convívio e natureza. A organização é da Erdal Guimarães e da Junta de Freguesia de Urgeztes. As inscrições já estão abertas online.



O SOFÁ DO REI

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

A ideia do Sofá do Rei, no pavilhão do Vitória surgiu há cerca de um ano e meio no Pavilhão Unidade Vimaranesse. A inovadora iniciativa surge numa parceria entre o Tudenconta, localizado na Avenida D. João IV em Guimarães, e o Vitória Sport Clube.

O objetivo foi criar um espaço exclusivo, localizado na área técnica do pavilhão, onde os adeptos pudessem assistir aos jogos das modalidades a poucos centímetros da ação, sentados com todo o conforto num dos nossos sofás, conta à Mais Guimarães Carina Dias, do Tudenconta.

Desde o primeiro momento, foi possível perceber o potencial desta iniciativa. Para além de proporcionar uma experiência “absolutamente diferenciadora, o projeto tinha um propósito muito especial: aproximar os adeptos – tão

apaixonados e dedicados – das modalidades do Vitória, reforçando a ligação emocional com o clube e criando memórias únicas em cada jogo”, acrescenta a irmã, Sónia Dias. Trata-se, assim, de uma ideia pioneira em Portugal, no contexto das modalidades, e isso só reforçou a nossa vontade da empresa vimaranense se associar e abraçar o desafio.

O CONFORTO DOS NOSSOS SOFÁS ALIADO À ENERGIA VIBRANTE DO DESPORTO RESULTOU NUMA COMBINAÇÃO PERFEITA, QUE TEM TIDO UM IMPACTO EXTREMAMENTE POSITIVO JUNTO DOS ADEPTOS E DA COMUNIDADE VITORIANA.

No fundo, o Sofá do Rei representa mais do que um lugar especial para assistir aos jogos: é um símbolo de proximidade, inovação e paixão pelo desporto, que orgulha as responsáveis do Tudenconta.

Com o Sofá do Rei, aquilo que pretendemos proporcionar é uma experiência “verdadeiramente inesquecível – um momento de proximidade, emoção e conexão genuína com o universo do Vitória. Queremos que quem se senta ali, mesmo dentro do campo, sinta que está no centro da ação, envolvido pela intensidade do jogo e pelo calor da família vitoriana”.

Para um adepto, sentar-se naquele sofá, “mais do que conforto é emoção pura. O objetivo é criar uma vivência única, onde cada detalhe conta: o som do jogo tão perto, os olhares dos jogadores, a possibilidade de interagir com os protagonistas da partida, de tirar aquela fotografia especial ou simplesmente de viver o desporto com o coração ao rubro”.

E para os mais pequenos, e já foram muitos a sentarem-se no Sofá do Rei, é um “mergulho num mundo mágico”. Para os adultos, representa um “reencontro com a paixão que os une ao clube. E para todos, é uma recordação que fica – não apenas como memória, mas como sentimento”.

Esta é a essência da experiência que o Tudenconta e o Vitória Sport Clube querem oferecer: não apenas a possibilidade de





ver o jogo, mas vivê-lo com intensidade e alma. “Que cada convidado sinta que fez parte de algo maior, que se emocionou, que vibrou, e que, acima de tudo, saiu dali com o coração cheio e o Vitória ainda mais presente na sua história”, refere Carina Dias.

A ASSOCIAÇÃO AO VITÓRIA E ÀS SUAS MODALIDADES É ALGO QUE O TUDENCONTA VALORIZA PROFUNDAMENTE

Esta parceria representa “muito mais do que uma simples colaboração, é um compromisso com a comunidade, com os valores do desporto e com o crescimento de uma cultura de proximidade, paixão e união”, diz Sónia.

Ao oferecer os convites duplos para o Sofá do Rei, o Tudenconta não está apenas a proporcionar uma experiência única aos adeptos, está a reforçar a importância de apoiar quem trabalha todos os dias pelo clube, dentro e fora de campo. As modalidades do Vitória são, para as responsáveis da empresa, “espelho de dedicação, superação e espírito coletivo”, valores com os quais o Tudenconta se identifica plenamente.

Estar ao lado do Vitória é estar ao lado de histórias reais, de famílias que vibram juntas, de crianças que se inspiram nos seus ídolos, e de uma cidade inteira que vive intensamente cada jogo.

Para o Tudenconta, é uma honra contribuir para fortalecer esse elo e proporcionar momentos de verdadeira magia, como os que se vivem no Sofá do Rei.

No fundo, esta associação é o reflexo de uma crença partilhada: que o desporto é um veículo poderoso de transformação, educação e união. E enquanto for possível continuar a criar experiências marcantes, a emocionar pessoas e a aproximar o clube da sua gente, o Tudenconta estará presente, dizem, “com orgulho, com paixão, e com o coração no sítio certo: junto do Vitória”.

Com base no feedback que têm recebido sobre a experiência no Sofá do Rei, dizem que tem sido “absolutamente extraordinária e marcante para todos os que por lá passam. É muito mais do que apenas ver o jogo – é vivê-lo com intensidade, numa proximidade rara que transforma cada momento num capítulo especial da história pessoal de cada adepto”.

Quem tem o privilégio de se sentar naquele sofá, mesmo ali no coração do pavilhão, descreve a sensação como “algo único. É sentir-se verdadeiramente parte da equipa, envolvido pela paixão vitoriana que se respira no ar, com a emoção ao rubro em cada jogada. O contacto com os atletas e treinadores eleva tudo a outro

nível, há partilhas de olhares, gestos e até palavras que criam laços emocionais que perduram muito para além do apito final”.

Para as crianças, então, é uma experiência mágica. Poder dar um “cinco” ao jogador favorito, conversar com o árbitro, tirar aquela foto que vai parar direto ao quarto, momentos que não só criam memórias, como alimentam sonhos. E ver a felicidade nos olhos dos mais pequenos é, sem dúvida, um dos maiores sinais de que o Sofá do Rei cumpre a sua missão: aproximar, emocionar e inspirar.

A resposta dos adeptos tem sido unânime e entusiasta. Muitos dizem que, depois de viverem a experiência, só pensam em quando poderão repeti-la. E isso diz tudo.

O SOFÁ DO REI TORNOU-SE, EM POUCO TEMPO, UM SÍMBOLO DE UNIÃO, DE CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO PELO VITÓRIA, E DE VIVÊNCIA DESPORTIVA NUM FORMATO ACOLHEDOR E PROFUNDAMENTE HUMANO.

É, no fundo, um espaço onde cada segundo conta, onde o conforto se alia à intensidade do jogo, e onde cada convidado se sente verdadeiramente especial. E é isso que torna esta experiência tão mágica: a capacidade de transformar um simples lugar num palco de emoções reais e memórias inesquecíveis.

A experiência de assistir aos jogos no Sofá do Rei está acessível a todos os adeptos através de passatempos que o Tudenconta promove semanalmente. O objetivo é dar a oportunidade a diferentes pessoas de viverem os jogos das modalidades de forma exclusiva e inesquecível, a partir de um lugar privilegiado, com todo o conforto.

Estes passatempos realizam-se em vários canais: nas redes sociais do Tudenconta, onde os seguidores são convidados a participar em dinâmicas criativas e interativas; na loja física Tudenconta, onde os clientes podem habilitar-se a ganhar convites através de ações específicas; e ainda na Rádio Fundação, nos programas emitidos às sextas-feiras de manhã, entre as 11h00 e as 12h00, e aos sábados, das 10h00 às 11h00.

Os vencedores recebem convites duplos para o Sofá do Rei, podendo assim partilhar esta experiência com alguém especial. Trata-se de uma forma de premiar o entusiasmo e a dedicação dos adeptos, ao mesmo tempo que se reforça o espírito de proximidade entre o clube, a marca e a comunidade vitoriana. Cada jogo vivido no Sofá do Rei é mais do que um lugar na bancada, é um momento para recordar.



Artigo de opinião

O IMPACTO DAS NOVAS TARIFAS AMERICANAS EM PORTUGAL E NA VIDA DOS PORTUGUESES!



Alberto Martins
Gestor de Empresas

A revelação sobre a imposição de novas tarifas, por parte dos Estados Unidos, chegou na passada semana e a economia mundial tremeu. Os mercados estão numa indefinição e incerteza, sem precedentes desde a pandemia por Covid-19, com o dólar a desvalorizar de forma significativa e todos os índices bolsistas mundiais no vermelho “carregado”. As tarifas são extensas e aplicam-se a grande parte das economias mundiais, com especial enfoque na China, mas nem velhos aliados como a União Europeia escapam, com tarifas que se cifram nos 20%. Para já, ficaram de fora produtos como a energia, os minérios, os semicondutores, os medicamentos e o cobre, o que permite a curto prazo, um balão de oxigénio para estes setores, com forte pendor exportador para os Estados Unidos.

Mas, afinal, até que ponto pode Portugal ser afetado por esta potencial guerra comercial? Desde logo, com a redução nas exportações. Cerca de 7% das exportações portuguesas de bens e 9% das exportações de serviços destinam-se ao mercado norte-americano. Embora longe do peso da União Europeia no nosso comércio externo, este volume é suficiente para causar impacto a curto prazo. É muito provável que hajam quebras nas encomendas e as empresas que exportam, vendam menos. Nesse cenário, as nossas empresas vão ser obrigadas a procurar mercados alternativos e em última instância, se não conseguirem, poderão ter de despedir pessoas ou reformularem o seu modelo de negócio. O setor com maior percentagem de empresas expostas ao mercado norte-americano é o da fabricação de têxteis, onde há 12% de sociedades que exportam mais de 10% do seu negócio para os Estados Unidos. Os minerais não metálicos, como o vidro e a

cerâmica, têm 11,5% de empresas expostas, enquanto a indústria das bebidas tem uma exposição de 9,6%. Contudo, se houver uma reciprocidade na aplicação de taxas por parte da União Europeia, como resposta à política económica Americana, o efeito negativo, sobretudo para as pequenas economias pode ser ainda mais profundo. Economias como a Portuguesa com forte exposição a determinados setores, como é o caso do turismo, pode ser bastante penalizada com esta imposição e resposta às taxas anunciadas.

Mas o impacto não será apenas direto e tem consequências globais, como é o caso da subida da inflação, que aliás já se sente em terras do “Tio Sam”. O aumento do preço dos produtos e o receio da disrupção das cadeias de comércio, podem ter impacto direto no emprego e no poder de compra, além de poderem reverter a descida das taxas de juro em curso. Outro impacto é o abrandamento do crescimento mundial, desde logo pela subida da taxa de juros já referida e onde os mercados globalizados repercutem, como um baralho de cartas, este jogo de xadrez pouco civilizado e que o mundo dispensava.

Assim, sobram sobretudo incertezas e a necessidade de cabeça fria. É certo que a União Europeia terá de ser firme nas ações de resposta, mas o primeiro passo passará sempre pela negociação com os Estados Unidos, que como em muitos outros momentos, teve uma posição errante e por isso a via diplomática deverá ser sempre a prioritária.

Uma coisa é certa, nesta guerra não haverá vencedores, nesta refrega entre americanos e o resto do mundo.

BOMBEIROS DE GUIMARÃES CELEBRARAM 148 ANOS

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, uma das instituições mais nobres do concelho, celebrou o seu 148º aniversário, em março, com a abertura do quartel à população o tradicional desfile pelas ruas da cidade e com o juramento de novos bombeiros.

A população é parte integrante das festividades dos soldados da paz, também como forma de agradecimento pelos serviços prestados ao longo de todo o ano. O Salão Nobre do Quartel foi palco da condecoração dos associados com 25 e 50 anos de efetividade e das empresas benfeitoras da corporação, assim como do Juramento de Bandeira de dez novos bombeiros.

Com o objetivo de agradecer a todos os vimaranenses o apoio permanente que têm dado à instituição, a corporação realizou o tradicional desfile pelas ruas da cidade e prestou tributo aos soldados da paz e fundadores, no Monumento ao Bombeiro.

Segundo o presidente da direção da Associação Humanitária, João Pedro Castro, esta é “mais uma oportunidade” para mostrarem a todos os vimaranenses a exposição do seu “extraordinário e valioso espólio”, assim como as viaturas, mais modernas e antigas, bem como os espaços.



PUB

Obrigado
pela confiança.

é bom viver assim



Conheça a solução ideal
para o seu condomínio:

LDC GUIMARÃES
Av. D. João IV, C.C. Villa, Loja 27
4810-532 Guimarães

T: 253 408 020
(Chamada para a rede fixa nacional)

E: guimaraes@ldc.pt

www.ldc.pt



JOSÉ LUÍS CARNEIRO LANÇA NOVO LIVRO SOBRE SEGURANÇA INTERNA EM GUIMARÃES

TEXTO: RUI DIAS • FOTOGRAFIAS: GABINETE DE IMPRENSA

“Todos os dias há milhares de ataques aos nossos sistemas de informações”, disse o ex-ministro da Administração Interna (MAI), José Luís Carneiro, que veio a Guimarães, em março, apresentar o seu novo livro sobre Segurança Interna.

O MAI do último Governo liderado por António Costa (março de 2022 a abril de 2024), José Luís Carneiro, esteve, na associação Assembleia de Guimarães, para apresentar “Segurança Interna em Tempos de Incerteza”, o livro onde reúne 50 discursos e intervenções do seu consulado, numa sessão organizada pelo Gabinete de Imprensa e pela Tertúlia Nicolina. O reitor da Universidade do Minho, convidado para apresentar a obra, classificou-a como um exercício de “accountability”.

Delfina Soares, diretora da Unidade Operacional em Governação Eletrónica da Universidade das Nações Unidas, chamou a atenção para os enormes desafios que advêm dos massivos volumes de informação que circulam no ecossistema digital para a segurança. O ex-presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP), António Barros, convidado para falar sobre economia, relacionou a queda de Portugal no ranking da segurança com a falta de preparação para as vagas de turismo e migrações e apoiou-se nas palavras do autor para defender uma imigração regulada.

José Luís Carneiro começou por explicar a capa do livro, da autoria de José Manuel Castanheira, onde se vê uma impressão digital e pessoas a caminharem livremente. A ideia que passou ao cenógrafo, esclareceu, foi a de que queria transmitir a ideia de que “só valorizamos a saúde quando estamos doentes e o mesmo se passa com a segurança”.

O ex-MAI lembrou o valor da sua experiência pessoal como cidadão anónimo, de “poder andar no metro, durante um ano, sem registar uma alteração”. José Luís Carneiro afirma que é algo que não valorizamos, mas sublinha que “há um trabalho de muita gente por trás desta segurança”.

Ao nível da cibersegurança, o ex-ministro revelou que, “todos os dias, há milhares de ataques aos nossos sistemas de comunicação e informação” e que também nesta área há pessoas a agir, ao momento, para deter estas ameaças.

Para José Luís Carneiro, o gestor ideal é “aquele que consegue ter uma perspetiva de médio e longo prazo e que é capaz de responder aos desafios do dia a dia. O ex-governante defende que deve haver algum nível de acordo político para a continuidade do modelo do Sistema de Segurança Interna (organismo responsável pela coordenação estratégica das Forças e Serviços de Segurança).

Para o autor, falta ao país um conceito estratégico de segurança interna. Dá como exemplo o desentendimento entre as Forças Armadas e as Forças de Segurança, durante a pandemia, sobre





de quem era a responsabilidade de transportar as vacinas. Este documento, refere, deve estabelecer os moldes em que funciona a cooperação das Forças de Segurança com as Forças Armadas em apoio a missões internacionais e entre as Forças Armadas e a Administração Interna, por exemplo, ao nível da Proteção Civil.

“HÁ OITO SUPLEMENTOS REMUNERATÓRIOS NAS FORÇAS DE SEGURANÇA”

O ex-MAI falou também sobre as remunerações nas Forças de Segurança, um problema que considera parcialmente resolvido, mas não de uma forma estrutural. “Há oito suplementos remuneratórios nas Forças de Segurança. O que é preciso é melhorar a remuneração de base, para resolver do ponto de vista estrutural”, apontou. José Luís Carneiro é de opinião que as várias partes interessadas devem sentar-se, “com a presença do primeiro-ministro e do ministro das Finanças”, e avaliarem a exigência e a exposição ao risco, para encontrarem soluções remuneratórias. “O suplemento de patrulha é o menor e são aqueles que estão mais expostos ao risco”, deu como exemplo do desajustamento entre este sistema e a necessidade de colocar polícias na rua.

O autor referiu-se ainda à necessidade de repensar o modelo de formação das Forças de Segurança, “integrando o conhecimento que se produz internacionalmente em ciências policiais e a investigação das nossas universidades”. O ex-ministro defende um Centro de Formação Policial que possa servir como instrumento de cooperação com os países da CPLP.

NEM TODAS AS MIGRAÇÕES SÃO “VIRTUOSAS”

“Faltam 90 mil pessoas na construção civil em Portugal”, referiu o ex-presidente da AEP e atual presidente do conselho fiscal da Mota-Engil, convidado para falar sobre economia na apresentação desta obra sobre segurança interna. Para António Barros nem todo o tipo de migração é “virtuosa”. O administrador de empresas, com mais de 60 anos de experiência, alertou para que “as migrações

se não forem reguladas podem ser nocivas e causadoras de insegurança” e baseou-se nos textos de José Luís Carneiro para defender isso mesmo.

“Portugal já foi considerado o terceiro país mais seguro do mundo, agora é o sétimo. Este ‘downgrading’ está relacionado com três fatores: turismo, imigração e pandemia. Pondo de lado a covid-19, “que nós não podíamos controlar”, relativamente aos outros dois, António Barros diz que “causaram insegurança porque não foram previstos nem acomodados”.

Na opinião do ex-presidente da AEP, o turismo e os imigrantes criaram pressão sobre a habitação e rotura dos serviços públicos. O paradoxo, esclarece, “é que os turistas e os migrantes, que fazem crescer a insegurança, escolhem Portugal por ser um país seguro.” António Barros defende políticas que favoreçam a vinda de imigrantes dos PALOP, “com a vantagem de conhecerem a língua” e de terem mais afinidades culturais, facilitando a integração.

65% DA POPULAÇÃO MUNDIAL USA A INTERNET

Já o reitor da Universidade do Minho, Rui Vieira de Castro, destacou o exercício de “prestação de contas” do ex-MAI e a necessidade, que perpassa da leitura do livro, de compromissos de longo prazo que não sejam completamente influenciados pelos ciclos políticos, em matérias de segurança.

Delfina Soares, diretora da Unidade Operacional em Governação Eletrónica da Universidade das Nações Unidas, falou sobre os desafios e das oportunidades trazidos pelos desenvolvimentos tecnológicos, referindo, por exemplo, os ataques às infraestruturas críticas, mas também as melhorias da eficiência. A professora clarificou com números a dificuldade de manter a segurança no “ecossistema digital”: “há 5,3 mil milhões de utilizadores da internet no Mundo, 65% da população, 86% da população portuguesa usa a internet, há 4,2 mil milhões de utilizadores ativos nas redes sociais, no Mundo, 7,5 milhões, só em Portugal e por dia são enviados 306 mil milhões de emails”.

CIDADE

TEXTO: CARLA ALVES



© DIREITOS RESERVADOS

ROCK NO RIO FEBRAS JÁ TEM DATAS E PRIMEIROS NOMES CONFIRMADOS

A quarta edição do Rock no Rio Febras já tem encontro marcado: será nos dias 25 e 26 de julho de 2025, na Quinta da Ponte, em Briteiros. O festival de entrada gratuita volta a juntar música, alegria e solidariedade, com parque de campismo e caravanismo disponível. Os primeiros nomes confirmados são os The Dandy Warhols e José Pinhal, prometendo dois dias de festa com rock, comida caseira, bebida fresca e as míticas t-shirts que já são quase peças de museu. A entrada para o evento é gratuita.

JOAQUÍN CORTÉS TRAZ “O SONHO DE CORTÉS” A GUIMARÃES

Ícone mundial da dança flamenco, Joaquín Cortés apresenta o espetáculo “O Sonho de Cortés” em duas datas únicas em Portugal. Em Guimarães, sobe ao palco do Multiusos a 16 de outubro, antes de seguir para o Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Criador, intérprete e coreógrafo, Cortés promete um espetáculo intenso, onde o movimento expressa emoções profundas e universais. Com uma carreira que começou na Companhia Nacional de Ballet de Espanha, o artista espanhol continua a encantar palcos com a sua linguagem única.



© DIREITOS RESERVADOS

PAÇO DOS DUQUES E CASTELO DE GUIMARÃES RECEBEM DISTINÇÃO COM PRÉMIO CINCO ESTRELAS REGIÕES

O Castelo de Guimarães e o Paço dos Duques de Bragança foram distinguidos no Prémio Cinco Estrelas Regiões, com o Castelo a vencer na categoria “Monumentos” e o Paço dos Duques na categoria “Museus”. Este prémio é um sistema de avaliação que, através de votação nacional, reconhece os melhores ícones regionais em diversas áreas, como património, gastronomia, arte e cultura. Uma excelente notícia para a cidade e o concelho, que continua a ser um destino de destaque no turismo nacional.



© MAIS GUIMARÃES

PUB



VILLA
CENTRO COMERCIAL VILLA

É BOM COMPRAR
NO CENTRO DA CIDADE!

Av. D. João IV, Guimarães



110 ANOS DO CENTRO
JUVENIL SÃO JOSÉ

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO



O Centro Juvenil São José é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, dedicada ao acolhimento e inserção social de crianças e jovens sem o apoio familiar essencial ou em risco de exclusão social.

Está carregado de histórias em 110 anos de existência. Um percurso de sucesso, mas não isento de adversidades. Na memória ficam os sorrisos transmitidos, os carinhos, a proximidade que foi criada com as crianças e jovens. Hoje e sempre, o Centro Juvenil de São José propõe-se, e é, uma família, uma instituição presidida por Fernando Sousa, um homem orgulhoso pelo percurso feito até aqui.

Uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, originária das antigas Oficinas de S. José, fundadas no Convento das Capuchinhas, desde 1915. Dedicada ao acolhimento e inserção social de crianças e jovens sem o apoio familiar essencial ou em risco de exclusão social, tem por missão Intervir para reintegrar, centrando-se nas suas necessidades, principal razão de existência desta Instituição.

Mais recentemente surge o projeto LUDERE, que tem como objetivo retirar crianças dos ecrãs, através de ocupações alternativas e saudáveis, à boa moda antiga. Uma valência com muita procura, aliás, isso transmite o reflexo da sociedade atual.

O Centro Juvenil de S. José é atualmente detentor de algumas respostas sociais: uma Creche [situada em Felgueiras num espaço doado pela autarquia felgueirense], uma Casa de Acolhimento e um Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental [situados em Guimarães].

Pelo Centro Juvenil de S. José já passaram muitas vidas, muitas histórias, umas com finais felizes, outras nem por isso. Foi dado rumo à vida de milhares de crianças e jovens, mais de 10.000. Uma casa que foi, e é, um suporte, o local que transmite os valores que transportam para uma vida inserida na sociedade e são. Prima-se por educar Homens bons, trabalhadores, com força de vontade e esforço para se tornarem bem-sucedidos.

CENTRO DE ACOLHIMENTO É ACONCHEGO PARA 15 JOVENS EM RISCO

O Centro Juvenil de S. José tem por missão intervir para reintegrar, centrando-se nas necessidades da criança/jovem, principal razão de existência desta instituição. O Centro de Acolhimento trabalha atualmente com 15 jovens e a assistente social Carina Batista é também a diretora técnica.

Que resposta é que neste momento estão a dar à população?

É importante esclarecer que as casas de acolhimento estão a atravessar uma grande fase de transformação. Há uns anos eram

bem numerosas, entrei em 2007 e a casa tinha uns 40 jovens, era muito difícil trabalhar. Agora, com a saída de uma portaria, estão a passar por esta transformação, porque trabalhar 40 jovens com traumas, oriundos de famílias disfuncionais, é muito difícil. Foram encurtando, temos o máximo de 15 jovens, em que o caráter familiar é aquele objetivo primário.

São jovens sem chão, praticamente. Quando são aqui acolhidos, que cuidados é que têm numa primeira fase?

Fazemos logo uma avaliação de diagnóstico, que nos vai dizer quais são os perfis, ou seja, quais são as dificuldades que o jovem tem. Podem ter dificuldades, estas questões de traumas, de necessidade de acompanhamento psicológico externo, acompanhamento pedopsiquiátrico, dificuldades escolares em que temos que recorrer a uma escola, em que são necessárias pessoas para aplicação de medidas adicionais ou seletivas. O jovem pode ter imensas dificuldades e não conseguir acompanhar um ritmo normal de um ensino normativo.

Temos em conta a necessidade de os incluir numa atividade extracurricular, como qualquer jovem, como em qualquer casa, tendo em conta os gostos deles. Temos jovens a praticar kickboxing, equitação, andebol, futebol. Portanto, é proporcionar-lhes um contexto protetor, muito aproximado à família, em que eles percebem que existem modelos, ou seja, existem adultos confiáveis e de referência.

Com que idades é que eles chegam aqui?

Estão a chegar cada vez mais tarde. O mais novo tem 14 anos e o mais velho tem 17. Podem ir até aos 25 anos com componente letiva.

Quando saem daqui, qual é a sensação com que vocês ficam?

Depende muito de jovem para jovem. Há os que aproveitam este espaço, esta estadia e esta passagem de uma forma positiva e prolongam, ficam e orientam. Há jovens com a ânsia da liberdade de atingir os 18 anos para saírem, e às vezes esta ânsia leva a que que enveredem por caminhos não muito positivos, e há outros que agora, felizmente, existe esta possibilidade de, num prazo de seis meses, poderem retomar o acolhimento. Mas às vezes, não retomam.

Mas têm casos em que retomaram?

Tivemos um que ainda não atingiu os 18 anos, saiu para uma reunificação familiar e retomou. Portanto, não encontrou as condições que esperava. Apesar de haver uma melhoria no contexto familiar, aquilo que ele experienciou aqui e aquilo que os familiares lhe dão, não corresponde. Então ele percebe que aqui tem mais hipóteses de atingir aquilo que tem em mente, o que perspetivou e objetivou.

"ÀS VEZES JÁ ESTÁ UM ESTIGMA ASSOCIADO AO JOVEM QUE É ACOLHIDO, DE UMA FORMA MUITO ERRADA"

Que relatos eles fazem relativamente ao tratamento que têm no exterior?

Às vezes vem dos adultos, nem vem dos próprios pais. Às vezes já está um estigma associado ao jovem que é acolhido, de uma forma muito errada. Porque muitas vezes o facto de alguns adultos considerarem que por estarem acolhidos, por si só, já vão ser problemáticos. E às vezes não são. As pessoas colocam tanto o rótulo que o jovem acaba por assumir esse comportamento, porque pensam que se já têm o rótulo, porque não sê-lo?

Qual o seu papel como coordenadora nestes casos?

Já tivemos reuniões um bocadinho duras, no sentido de dizer às pessoas, aos adultos, que o jovem está para além daquilo. O jovem não é aquele comportamento. Aquele comportamento indica que aquele jovem, devido ao trauma que teve, só sabe reagir daquela forma e que o jovem é para além disto, é mais do que isto. E as pessoas ficam com aquele primeiro olhar e não vão ao segundo, não vão subindo os degraus.

Falamos de jovens provenientes de onde?

De vários sítios. Temos de Guimarães, de Celorico, de Braga, Cabeceiras. São entregues pelo Tribunal, são aplicadas medidas de promoção e proteção ou pelo Tribunal ou pela Comissão. Há jovens que estão acompanhados pela CPCJ e que vêm aqui pela medida de acolhimento residencial.

E eles aceitam essa integração, esse afastamento da família?

No caso da CPCJ, o jovem tem que dar o acordo para ser acolhido, não dando, transita para Tribunal. No caso do Tribunal, aplicada a medida, o jovem tem que ir. Aquilo que nós temos como procedimento aqui na casa de acolhimento é proporcionar que o jovem,



antes de integrar, faça uma visita, o chamado pré- acolhimento, para também desconstruir as ideias que se ouvem. Temos conseguido isso, porque muitas das vezes os jovens vêm e conhecem as pessoas que estão aqui a trabalhar, conhecem as dinâmicas, fazem as perguntas às quais têm medo.

E como é que é o dia-a-dia deles aqui?

Tentamos fazer como em qualquer casa. É o acordar, tomar o pequeno almoço, orientá-los para a escola. Alguns vêm almoçar a casa, outros almoçam na escola. É levá-los e trazê-los. À tarde é proporcionar. Os que as têm, vão às atividades, os que têm apoio ao estudo, frequentam. Vão às compras onde quiserem, para a semana, é uma rotina o mais aproximada possível a uma casa.

E quantas pessoas estão a trabalhar nesta valência?

São 15 jovens e 12 colaboradores, há um acompanhamento muito próximo. O que é para um, não serve para outro. Conhecemos muito bem o jovem A, B, C. O que está definido para um, não serve para o outro. Isto não é copy-paste. O jovem A precisa, vamos objetivamente. O jovem B precisa, vamos, objetivamente.

Como se organizam?

Trabalhamos por turnos. São 15 miúdos, portanto, não é propriamente um ou dois.

Mas quando às vezes se juntam, basta ser um bem disposto e lembrar-se de qualquer coisa, que acordam todos. E temos um jovem que, por exemplo, não tem sono, tem que dormir através de um comprimido. Portanto, tende a ter um sono muito irregular. Há uma ligação fruto disso, também emocional, muito grande.

E os casos de sucesso devem deixar-vos completamente felizes mas os de insucesso devem também marcar...

Sim, há casos que marcam para a vida toda, nunca se esquecem. São vidas, acima de tudo.

Quer partilhar algum caso mais difícil e um caso muito feliz?

Um caso difícil foi de um jovem que foi para uma comunidade terapêutica. Estava numa situação de fundo do poço. Quando ele estava numa situação limite, depois de um consumo muito exacerbado, conseguiu nos ligar e fomos buscá-lo. E ele só nos agarrava e dizia "não me deixem sozinho, sou um bom menino". Foi para uma comunidade terapêutica porque não havia aqui solução, e no dia em que foi, foi muito difícil para nós. Era, na verdade, um bom menino, só que a forma de ele ultrapassar o vazio que sentia, o trauma que tinha vivenciado, era através do consumo.

E um momento feliz?

Perceber que aqueles jovens, que hoje ainda vêm cá, que estão a trabalhar, que têm objetivos na vida, que nos visitam e que seguem a vida como qualquer um de nós. Que tiveram ali situações difíceis na vida, mas que com a nossa ajuda ultrapassaram e hoje em dia trabalham, contribuem de uma forma saudável para a sociedade e para eles próprios.

Os que saíram mais recentemente vão contactando com os que estão cá dentro. Os outros que já foram saindo, vêm mais pela questão dos adultos.

Imagina-se a fazer outra coisa na sua vida neste momento?

Neste momento não. Isto é um trabalho emocionalmente desgastante, mas depois também tem o outro lado, que é o entrar aqui e, por exemplo, e ter um jovem que me pede um abraço. Um abraço faz a diferença na vida daquele jovem e isso é um alento diferente. Nós em casa damos um abraço de uma forma tão natural e há jovens que não sabem o que é um abraço, o que é um beijo.

PROJETO LUDERE PROPÕE-SE A TIRAR 150 CRIANÇAS E JOVENS DOS ECRÃS EM TRÊS ANOS

Cláudia Cruz é psicóloga no Centro Juvenil de S. José e assume a coordenação do projeto LUDERE que resulta de uma candidatura aceite pelo Norte 2030. A missão é afastar crianças e jovens dos ecrãs e a procura é grande.



Esta ideia surgiu na sequência da crescente preocupação que existe hoje em dia, no que toca à dependência das tecnologias em crianças e jovens. “É uma preocupação não só ao nível de conselho, mas também ao nível mundial. As tecnologias vão evoluindo e, associado a isso, temos várias crianças e adolescentes que começam a apresentar esta dependência”, diz a especialista.

O impacto dessa dependência dos ecrãs, nas crianças e jovens no seu dia-a-dia, diz Cláudia Cruz, depende. “Cada caso é um caso, mas existem vários impactos negativos que esta dependência traz, nomeadamente ao nível académico, porque muitas das crianças começam a ter dificuldade na concentração, em manter o foco em contexto de sala de aula e, consecutivamente, isto vai fazer com que não consigam adquirir as aprendizagens como deveriam”, explica a psicóloga.

Depois, mais preocupante ainda é o impacto negativo ao nível social. “As crianças e os adolescentes deixarem de socializar com os pares para estarem focados nas tecnologias, nos seus telemóveis, nos seus computadores, nos jogos, que muitas das vezes comunicam através desses jogos, mas é à distância e não pessoalmente”. Afirma Cláudia Cruz que isso tem consequências “também ao nível mental, porque depois, associado, há dependência, porque muitas das vezes não respeitam os horários de sono, as rotinas e tudo isso tem um impacto a nível mental, que depois pode reproduzir em problemas de ansiedade e em sintomas depressivos”.

“ACABA POR EXISTIR O CYBERBULLYING, A EXPOSIÇÃO A CONTEÚDOS QUE NÃO SÃO ADEQUADOS PARA A IDADE DELES”

Ao focarem o seu tempo nos jogos, “deixam de investir noutra tipo de atividades” e depois quando são confrontados com outro tipo de atividades e “já não se sentem capazes, criando aqui problemas de autoconfiança, de auto-eficácia e mesmo de autoestima”, explica a especialista.

Um dos problemas da sociedade atual é que “a forma, muitas das vezes não saudável, de como crianças e jovens usam as tecnologias, faz com que acabe por existir o cyberbullying, a exposição a conteúdos que não são adequados para a idade deles e isso também pode trazer muitos dissabores na vida”.

O LUDERE foi definido por uma equipa do Centro Juvenil de São José, e, entre dúvidas, rapidamente se chegou à tipologia do programa a candidatar ao Norte 2030. “Chegámos à conclusão que tínhamos de combater este problema. Temos uma Casa de Acolhimento com jovens e sabemos que o uso do telemóvel é um desafio no dia-a-dia com eles”. Além disso, continuou, “através do CAFAP, sabemos que este era um dos problemas que as famílias mais demonstravam”. “Mas começámos a perceber, a fazer um le-

vantamento do que nos era transmitido e começámos a perceber que realmente era um problema que precisava de resposta, daí nos termos candidatado com este objetivo de ajudar crianças e jovens a combaterem esta dependência”.

E apesar de não se verificar com tanta frequência, já se vai verificando na valência de creche: “Provavelmente cada vez mais cedo as crianças ficam dependentes dos ecrãs e é também muitas vezes para os pais mais fácil colocar-lhes um ecrã à frente para os entreter. Portanto, isto é um desafio para toda a família, não só para a instituição. E aquilo que os pais muito nos têm reportado é isso mesmo, é que deixa de ser um problema só da criança, mas é um problema da família”. Isto porque, explicou, “depois já há conflitos que surgem em casa porque os pais tentam colocar algum limite e a criança já está tão agarrada que reage mal e não aceita”.

A questão do sono é uma problemática que atinge mais os adolescentes. “É meia noite, ainda está agarrado ao telemóvel e tem aulas no outro dia. As questões do estudo nos adolescentes, que acabam por deixar para segunda opção e primeiro vêm uns jogos e depois no final dos jogos é que vão estudar [...] já não têm o tempo que deveriam, nem a concentração e energia, portanto isto acaba por ser um problema sistémico”.

E NÃO NOS PODEMOS ESQUECER QUE NÓS, ADULTOS, SOMOS O EXEMPLO PARA AS CRIANÇAS.

Explicou Cláudia Cruz que as redes sociais são um fenómeno “mais ou menos recente e muitos pais também não sabem parar de utilizar os telemóveis, dão esse exemplo aos mais novos, eles observam tudo e aprendem por observação”.

Combater este problema tem de passar por todos, adultos, pelos mais pequenos, pelas escolas. Por isso é que neste projeto LUDERE “o nosso foco principal são mesmo as crianças, porque acreditamos que uma intervenção precoce vai ajudar depois para o resto da vida deles”.

No entanto, “os pais vão ter aqui um papel também muito importante no nosso projeto, porque vão ser convidados em vários momentos a virem cá, a participarem em sessões e em workshops, para saberem como lidar com os filhos em relação a este problema”. Ou seja, continuou, “vamos tentar abranger o máximo de pessoas possível, não só as crianças, mas também quem as rodeia”.

PROJETO ARRANCOU EM JANEIRO E JÁ REGISTA BONS RESULTADOS

O projeto LUDERE arrancou em janeiro deste ano e terminará em dezembro de 2027, ou seja, será um projeto com um prazo de três

anos de intervenção. “Até ao momento já temos vários grupos em intervenção, em acompanhamento, e o feedback que temos tido é muito positivo”, adiantou Cláudia Cruz. “As crianças sabem estar sem ecrãs, cada vez mais temos a certeza de que elas conseguem, é preciso é que o contexto o facilite”.

“Ou seja, elas aqui sabem que não trazem telemóvel, não vão estar ao telemóvel, não vão estar no tablet, não vão estar no computador, e não temos tido qualquer dificuldade”.

E como se explica esse comportamento? “Com outro tipo de estímulos”, respondeu a psicóloga. “Podem brincar livremente, na primeira sessão fazemos logo um levantamento de interesses, talentos que eles tenham, aproveitamos isso tudo e nas próximas sessões já vamos pôr estímulos relacionados com esses interesses e essas paixões”, explicou.

“Se uma criança chegar aqui e nos disser que um dos seus talentos é o futebol, sem que ela se aperceba, o local das próximas sessões será num campo do futebol. Formamos um contexto, um espaço físico, tudo pensado para que eles possam ocupar os seus tempos livres com coisas que gostam e por forma a desenvolverem competências que depois, ao levarem essas competências para casa, vão saber que também podem fazer isso com a família, esquecendo o telemóvel”.

Nesta altura, o Centro Juvenil de S. José, neste projeto, conta com 63 referências, ou seja, 63 inscrições, sendo que no primeiro ano e meio terão de registar 75. “Isto quer dizer que em três meses quase que já esgotámos as vagas, o que é muito positivo”.

Findo o primeiro ano e meio, iniciam de novo com outras 75 crianças. A meta é acompanhar 150 crianças nos três anos de projeto. Os frequentadores são crianças encaminhadas ou inscritas através das entidades da rede social dos municípios, ou seja, agrupamentos de escolas, entidades de saúde, CPCJ e do Tribunal. Isto é, “crianças que tenham processos, que sejam consideradas em risco, todas as entidades da rede social nos podem encaminhar, se assim entenderem”.

Disse Cláudia Cruz que, neste momento estão a acompanhar crianças com processos de promoção e proteção, em risco e perigo. “Mas gostaria de ver este programa ou algo do género alargado a toda a comunidade vimaranense”, referiu a psicóloga. O ideal seria ver o projeto replicado por outras instituições do concelho.

“Já tivemos reuniões de apresentação junto das entidades do Município, incluindo a Câmara, e nessa reunião de apresentação, chegámos mesmo à conclusão de que isto devia ser quase uma disciplina nas escolas. Isto é um projeto que não necessita de tanto o material quanto isso, basta criarmos as condições para que as crianças possam brincar, explorar e descobrir talentos”, adiantou Cláudia Cruz.

CENTRO DE APOIO PARENTAL APOIA 80 FAMÍLIAS DESTRUTURADAS

Graça Bessa, para além de psicóloga, coordenadora técnica do Centro de Apoio Parental e Aconselhamento Parental (CAFAP) do Centro Juvenil de S. José. O propósito é o acompanhamento de famílias com dificuldades ao nível das competências parentais, sejam elas quais forem.

Podem estar relacionadas com a gestão económica, imposição de regras e limites com os filhos, entre outros problemas. São sempre famílias que tenham crianças menores de idade e que apresentem algumas dificuldades com os filhos, no trabalho com eles, na educação.

Disse Graça Bessa que as famílias são encaminhadas pela Equipa de Assessoria Técnica ao Tribunal. São provenientes de Amares, de Felgueiras, também de Vizela, Fafe, Celorico. “As CPCJ também nos podem encaminhar os processos e depois podem ser famílias autopropostas, através das escolas. E uma coisa muito importante, é o consentimento das famílias, mesmo que sejam encaminhadas para nós por algum dos serviços, elas têm de aceitar a nossa intervenção, por vontade delas e sentirem elas próprias alguma dificuldade e necessidade do nosso acompanhamento”, explicou. Quando olhamos para o CAFAP e percebemos que estão 80 famílias a serem acompanhadas, o limite que está protocolado com a



Segurança Social, percebemos que esta é realmente uma necessidade “e que, eventualmente, deveria ser alargada a oferta à sociedade”. “Temos a preservação familiar, a reunificação e o ponto de encontro e é na preservação familiar que temos sempre as vagas completas e a lista de espera”, referiu Graça Bessa.

São intervenções minuciosas até porque envolvem crianças. “Estão num ambiente familiar com algumas dificuldades reconhecidas pela família, trabalhamos para melhorar as competências dos pais para que as crianças se mantenham nesse agregado familiar e nesse meio familiar. E neste momento, sempre foi e ainda é aquela em que nós temos sempre a lista de espera”.

O CAFAP trabalha a parentalidade positiva ou as competências parentais, nas três modalidades. “A preservação é manter as crianças na família, trabalhar as competências no todo, no agregado, para que as crianças se mantenham lá, na reunificação familiar. Há aqui já uma medida que foi aplicada para a criança não estar no agregado familiar. Portanto, ela pode estar num outro familiar, pode estar em acolhimento residencial, enquanto os pais procuram entender-se”.

“TEMOS 80 FAMÍLIAS, MAS ISTO NO FUNDO NÃO DEVERIA SER POSITIVO”

O objetivo é que, mesmo estando em famílias de acolhimento, regressem ao seio familiar “e trabalhamos os pais biológicos”. “Depois, temos o ponto de encontro familiar, que tem algo importante de ser num espaço neutro, com uma sala adequada para as diferentes idades, para que as crianças ou jovens possam visitar os progenitores não residentes. Nestes casos, acontece que as famílias já estão separadas, pai e mãe, e por algum desentendimento, por falta de comunicação”. Refere a responsável que, por vezes, não há algum vínculo, que se perdeu pelo caminho e “pretende-se

que seja um espaço neutro para que a criança esteja a restabelecer este vínculo, a reaproximar-se, a visitar o progenitor que não reside com ela, habitualmente”, afirmou a coordenadora.

A criança está sempre no centro, principalmente no ponto de encontro familiar: “Temos a mediadora familiar, que trabalha estes pais não na mediação familiar como é apresentada de um modo geral, mas através de técnicas de mediação, que pretende que a criança seja o foco para todos, para o pai e para a mãe, para os dois ambientes familiares”.

O CAFAP está em funcionamento desde 2018, e o balanço, disse Graça Bessa, é positivo. “De um modo geral, neste momento atingimos o topo, porque já temos alguns anos e já temos as 80 famílias, mas isto no fundo não deveria ser positivo, porque significa que há mais dificuldades ao nível familiar”. No entanto, “estamos mais especializados e isto ajuda depois as famílias que nos procuram e aí sim é o ponto mais positivo que é termos formação parental, que vai avançar ainda este ano”.

Há outros projetos na forja, entre eles o “Mais Família Mais Jovem”, que já existiu no passado e vai voltar, o Family First que este ano terá nova edição. “Sempre que há uma família que arquivamos com sucesso é sempre um bocadinho de esperança de que estivemos bem e que eles levaram de nós estratégias, é sinal que alguém sai daqui com alguma aprendizagem, por pequenina que seja, é sempre gratificante para cada um de nós”, referiu Graça Bessa, que lidera uma equipa motivada. “Temos assistente social, educador social, mediador familiar, psicólogo somos uma equipa interdisciplinar que se apoia como um todo”, rematou.

VALÊNCIA DE CRECHE DÁ RESPOSTA A 42 CRIANÇAS EM FELGUEIRAS

O Centro Juvenil de S. José atua fora do concelho com a valência de creche, em Jogueiros, Felgueiras, num espaço cedido à instituição. Com capacidade para 42 crianças, não é surpreendente dizer que está tudo preenchido.

Marta Fernandes é educadora de infância e coordenadora pedagógica da creche. E a questão que muitos vimaranenses poderão colocar é como é que surge uma creche fora do concelho de Guimarães. É que o edifício onde está a valência foi doado ao Centro Juvenil com o objetivo de ali criar uma infraestrutura social. Com o apoio da Segurança Social, a obra nasceu, já lá vão 13 anos. Contém uma sala de berçário, uma sala de um ano e uma sala dos dois anos. Com capacidade para 42 utentes, não há vagas, está tudo cheio, à semelhança do que acontece em todo o país.

Referiu Marta Fernandes que há pré-inscrições e que não é pos-

sível abranger toda a necessidade da área. “Estamos situados em Jogueiros e abrange vários concelhos, faz ponte com Fafe, Guimarães, Felgueiras e Vizela. Conseguimos abranger crianças dessas cidades”. O fenómeno da imigração é notório, disse a coordenadora, de há três anos a esta parte. “Todos os anos temos tido mais interessados e muitas pré-inscrições, maioritariamente de brasileiros”. Isso acaba por transformar até a própria instituição, para responder às pessoas que vêm com culturas diferentes. “Muitas vezes a forma como falamos, às vezes eles acham que falamos muito rápido e temos que adaptar”.

“ESTAMOS A PONDERAR AUMENTAR UMA SALA PARA COLMATAR ESTA FALTA DE VAGAS E ASSIM DARIAMOS LUGAR A MAIS 18 CRIANÇAS”

Disse Marta Fernandes que a creche está “numa área privilegiada com muito espaço exterior”: “Procuramos desenvolver muitas atividades ao ar livre, temos vários animais próximos da creche onde conseguimos observá-los, conseguimos andar a pé pelas redondezas, com crianças pequeninas. Depois, é muito importante a parte do trabalho de vinculação com o adulto, muito colinho, muito miminho, muita atenção, temos muita atenção às nossas ementas, à forma como trocamos a fralda, como estamos com os bebés”.

É uma equipa de nove colaboradores que diariamente trabalha na creche em Jogueiros e, segundo Marta Fernandes, o próximo passo poderá passar precisamente por aumentar uma sala. “Também para colmatar esta falta de vagas e a procura enorme que temos, ao aumentarmos para mais uma sala, daremos capacidade a mais 18 crianças e aí chegariam às 60. E teríamos de contratar mais pessoal que é o que faz falta”. Para a coordenadora, a sociedade, o país, “ainda precisa muito de olhar para a creche com mais atenção e mais cuidado, as crianças passam muitas horas na creche por dia, porque os pais trabalham das oito às seis e não conseguem estar mais tempo com os filhos em casa”. Lembrou ainda que “é uma fase crucial no desenvolvimento das crianças e dos nossos futuros adultos”. “E notamos que eles precisam muito da atenção dos pais”.

A Natureza é o porjeto pelo qual a creche se rege nesta altura. “Procuramos sempre ver qual é a área em que podemos trabalhar os meninos, e a natureza ajuda porque, muitas vezes vão para casa e poucos têm contato com o exterior”. Mas também temos horas do conto, atividades de música diferentes, estamos a planear uma atividade com barro, já que eles são pequeninos e não conseguimos sair, não conseguimos fazer visitas de estudo e assim”.



“O QUE NOS DÁ FORÇA É AJUDAR OS QUE PRECISAM DE NÓS E A SOCIEDADE TEM DE SER ASSIM”

Fernando Sousa assumiu a Direção do Centro Juvenil de S. José em dezembro de 2022 e é a vontade de ajudar quem precisa que o motiva todos os dias a trabalhar. Antes, esteve 10 anos como vice-presidente, o que faz dele um conhecedor pleno da realidade, das necessidades e ambições do centenário Centro Juvenil de S. José, que hoje se adapta à evolução dos tempos e que tem projetos para lançar a curto prazo.

São 110 do Centro Juvenil de S. José, atualmente sob o leme de Fernando Sousa. Para si é um gosto, mas uma grande responsabilidade também?

Fui convidado, em 2012, pelo Domingos Lopes Miranda, antigo aluno, somos amigos de longa data, e ele disse que precisava de mim para a Direção e eu disse disse-lhe que sim, nem era sócio. Aos amigos temos de dizer que sim, era uma casa que os vimaranenses conhecem, embora eu não conhecesse bem as dinâmicas. E estou cá desde 2012, como vice-presidente e na Direção desde 2023. Disse-lhe que estava cá para o bem e para o mal por causa dele, do Domingos Lopes Miranda. Para o bem, porque é gratificante, porque estou à frente de uma casa com o objeto social. Guiar jovens que nos são confiados para que possamos lhes dar um projeto de vida diferente daquele que têm, para o mal porque ficamos sempre com aquela sensação e questão sobre se estaremos a cumprir bem a missão que nos confiaram.

Será essa responsabilidade que acaba por afastar muitas pessoas, quando são chamadas a se dedicarem às associações?

Possivelmente, sim. Há uma espécie de crise no associativismo, nesta vontade das pessoas de se juntarem, pelas questões políticas. Esse é um fenómeno que não é só na nossa casa. Ainda há um tempo, na Assembleia Geral, tínhamos um associado, antigo aluno. Mas isto é uma problemática transversal. Acontece na nossa também. Temos feito o esforço, esta interação, no sentido de mobilizar novos associados. E temos conseguido, pessoal até mais jovem e outros que manifestam vontade em se tornarem associados.

Gente aqui da cidade, que sempre que falámos do funcionamento desta casa, mostram interesse. Atualmente temos cerca de 130 associados, não têm sido muito participativos, não sei. Sendo transversal a todas as casas, no fundo, talvez confiem naquilo que é o trabalho que vem sendo feito aqui, mas um dia qualquer que haja um problema, se calhar temos a casa cheia.

Não havendo problemas, as pessoas confiam e não vêm. Mas gostávamos muito que viessem até para perceberem o que é que fazemos, os projetos, o passado, o presente e o futuro, as contas, apesar de elas serem publicadas. Tudo isso é abordado nas Assembleias e até era bom porque podem dar ideias para progredirmos.

Nos últimos anos, a instituição tem alterado um pouco o objeto do seu trabalho. O que tem surgido?

Houve algumas transformações que foram acontecendo e acrescentando alguns serviços à comunidade. Desde 1915 que somos um orfanato, era assim que éramos conhecidos. Nós acolhíamos jovens que ficavam sem pai ou sem mãe. E continuamos a acolher jovens, hoje em dia. Em 2018, inaugurámos uma resposta social diferente, vocacionada para a família, de aconselhamento parental, que é o Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP). Acolhemos 80 famílias. E, desde 2018, temos uma resposta com bastante sucesso.

Nessa valência já estão no limite?

Estamos no limite, portanto, provavelmente outras famílias não estão a ser abrangidas e necessitariam desse serviço, que deveria ser alargado.

Há muito tempo que temos sinalizado pelo Município de Felgueiras, a necessidade da instalação de um CAFAP. Sabendo dessa necessidade do Município de Felgueiras, e com a experiência que temos, assim como a resposta de excelência dos nossos serviços que são prestados pelos nossos técnicos, fomos à Câmara de



Felgueiras propor a extensão ou a abertura de um outro CAFAP. O Município, através do Centro Local de Ação Social, aprovou, arranhou-nos uma para que nos instalássemos. Mas temos que concorrer a concurso público porque estas respostas, se não houver financiamento da Segurança Social, não conseguem sobreviver, não são rentáveis, porque temos que pagar a técnicos, as despesas próprias do funcionamento. Sem financiamento não é possível. Andámos há cerca de dois anos a pedir, à espera que abrisse o programa de financiamento que se chama PROCOOP, e o ano passado a Segurança Social disse que não era possível, porque o Município de Felgueiras não atingia os índices necessários para que seja instalado lá o CAFAP.

CENTRO JUVENIL DE S. JOSÉ INSTALA SERVIÇO CAFAP EM FELGUEIRAS

Mas poderá haver uma reversão nesse processo?

Sim, claro que pode haver uma reversão, isto é revisto daqui a dois anos e vai-se alterando. Mantemos a oferta da casa que nos foi proporcionada pelo Município, para o momento em que estivermos em condições de avançar para essa resposta. Hoje em dia acolhemos famílias de Felgueiras, o que causa algum transtorno, estamos a falar de famílias carenciadas, com as deslocações e tudo isso.



Para evitar que haja essa despesa, quer para as famílias, quer para nós, arranjámos um protocolo com o Município de Felgueiras. Os nossos técnicos vão a Felgueiras para o espaço cedido pela Câmara Municipal, em vez de as famílias virem cá.

Entretanto, transformaram aqui no próprio edifício algumas áreas para acolher jovens, têm um hostel, houve essa transformação para garantir algumas receitas?

Exatamente, isto é um edifício muito grande. Na década de 60 tínhamos aqui mais de 120 jovens, agora temos 15, e sobra-nos espaço. Há uma ala que decidimos abrir às necessidades da comunidade. Inicialmente, em 2012, 2013, fizemos o protocolo com Vitória, e o espaço era ocupado pelos atletas jovens [...] o Raphinha [hoje no Barcelona] esteve cá um dia. O Vitória tinha aqui os seus jovens alojados porque o espaço, embora não seja luxuoso, tem as comodidades necessárias para albergar os jovens. Depois, tem esta particularidade que é, ao mesmo tempo é virado para a Penha, mas no centro da cidade, o que é uma vantagem muito grande num edifício deste.

Depois o Vitória teve outras opções, uma casa na Costa e deslocou para lá os jovens. Depois disso fizemos um protocolo com a Universidade do Minho, devido à grande necessidade e procura de alojamento por parte dos jovens que vêm de fora estudar para a nossa cidade e assim foi até à pandemia. Depois do Covid, alterou-se tudo e os jovens foram embora. Mais recentemente, acolhemos afegãos de uma orquestra do Afeganistão, estiveram aqui uns meses ainda, mas depois tinham que ir para o Conservatório de Braga e tornava-se difícil.

Em 2022, a CENATEX procurou-nos para alojar os jovens que estudam nos cursos técnico-profissionais, e é o que temos feito desde essa altura. Estamos com 14 jovens atualmente.

"A OFICINA QUE RESISTIU MAIS TEMPO FOI A GRÁFICA, NÃO CONSEGUIMOS COMPETIR COM O SETOR PRIVADO"

Tinham até há poucos anos uma gráfica das Oficinas de São José, viram-se na necessidade de alterar também aquele espaço?

A gráfica era a última das Oficinas que aqui mantínhamos. Tínhamos uma oficina de alfaiataria, uma oficina de serralharia, outra

de sapataria, uma oficina de padaria. A todos os jovens que aqui entravam era-lhes perguntado, o que é que queriam fazer. E eles tinham que escolher. A oficina que resistiu mais tempo foi a gráfica, não conseguimos competir com o setor privado.

Teríamos de fazer investimentos fortíssimos, na ordem dos milhares de euros, e não tínhamos essa disponibilidade financeira. Mais do que isso, nós, Direção, não temos os conhecimentos de gestão que pudessem fazer concorrência ao mercado privado, que tinha máquinas de última geração.

Tínhamos uma impressora, oferecida na década de 60 que era muito boa, mas já não respondia às necessidades da nossa comunidade. Aliás, nós só tínhamos alguma procura ainda de comerciantes locais, porque se identificavam muito com esta casa. Era quase uma tradição virem aqui executar trabalhos de tipografia.

Sentiam que era uma forma também de vos apoiar enquanto instituição?

Sim, sentiam-se bem, mas quando era preciso outros trabalhos diferentes, já não conseguíamos dar resposta. Precisávamos de investir milhares de euros.

Portanto, um espaço que vai ser agora transformado?

A antiga tipografia vai agora ser transformada para que seja acolhida nova resposta social no âmbito da saúde mental, que é o CACI - Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI) e Lar Residencial. Mas, para isso, vamos também intervir no espaço que está no andar de cima.

Qual o público que poderá beneficiar desse serviço?

Ainda não temos nada previsto, temos de ter um projeto para executar, para percebermos qual a dimensão. Mas está identificada essa necessidade na sociedade e uma vez mais, diria, estamos a preparar tudo para conseguir responder com Oficinas de Saúde Mental. Todos nós temos alguém com problemas de saúde mental e que precisa de ser acolhido numa instituição do concelho. Há casos muito difíceis em que um dos pais até prescinde do seu emprego para cuidar do jovem porque não tem para onde ir.

"DETETAMOS QUE EXISTEM PATOLOGIAS, COMPORTAMENTOS ADITIVOS COM AS REALIDADES DIGITAIS"

Há um outro serviço que disponibilizaram recentemente, que tem a ver com o afastamento das crianças e jovens dos ecrãs. Que projeto é esse?

É um projeto que está a arrancar e também já com algum sucesso. Nós tentámos incutir alguma dinâmica nova com projetos sociais interessantes e que vão de encontro às necessidades. Agora temos o LUDERE que está a começar este ano, mas já tivemos outro, que é o Family First que foi também financiado, com o objetivo de adotar famílias num ambiente próprio. Comprámos uma casa pré-fabricada, que está nas traseiras do nosso edifício, onde levávamos lá as famílias para, num ambiente próprio de uma casa, terem experiências familiares, acompanhadas dos nossos técnicos. Também foi um programa no âmbito social para dotar as famílias de competências básicas.

E agora em 2025 iniciámos um programa novo que se chama LUDERE para crianças e adolescentes entre os seis e os 14 anos. Detetámos que existem patologias, comportamentos aditivos com estas novas realidades digitais, os telemóveis, os iPads, televisões, jogos, consolas.

Só para que perceba, temos notícia de um jovem que passava 20 horas num ecrã de telemóvel ou de iPad. Chegava ao ponto de, quando ia tomar banho, ia com o telemóvel, punha o braço de fora para que não o molhar. Portanto, é uma dependência muito grande, todos nós temos essa realidade muitas vezes dentro das nossas portas. Às vezes nós próprios, estamos cada vez mais tempo nestes aparelhos. É verdade que eles nos trazem o mundo, mas também nos trazem os comportamentos aditivos e para os jovens muito mais.

O Portugal 2030 achou que a ideia fazia todo o sentido e apoiou-nos. Tínhamos uma exigência, que passava por arranjar parceiros sociais para que acompanhassem este projeto. O grosso do financiamento, na ordem dos 200 mil euros, é do Portugal 2030, depois o resto é a Câmara Municipal e os parceiros privados que arranjámos na nossa comunidade, que aderiram ao projeto que tem a duração de três anos. Neste momento temos 63 referenciados. Durante o período de execução do programa, temos que atingir 75 jovens.

Esse número comprova o problema da sociedade atual?

De facto, é uma necessidade grande. Quando fizemos abordagens e reuniões com as escolas, com o Município, com os tribunais, com a CPCJ, a dar conta deste nosso projeto social, percebemos logo que a necessidade era muito grande pela reação dos intervenientes. E sabíamos que íamos ter logo muita procura, e assim ocorreu.

"AO LER ESSE LIVRO DO CENTENÁRIO, PERCEBE-SE A QUANTIDADE DE VIMARANENSES QUE PASSARAM POR AQUI"

E como é que está a relação da instituição com a sociedade vimaranense?

Eu acho que está boa porque no Centenário editámos um livro. O Domingos Lopes Miranda pediu ao professor Fernando de Capela Miguel e ao professor Manuel Barbosa, que foi cá aluno, para que o escrevessem, sobre a história da nossa casa. E ao ler esse livro do Centenário, percebe-se a quantidade de vimaranenses que passaram por aqui, alguns conhecidos. É mesmo impressionante a quantidade.

Por exemplo, a dona Eulália que nos doou em 1948 uma quinta em Felgueiras, outro senhor que nos doou a Quinta de Alvim. E doaram-nos quantias em dinheiro, ainda hoje fazem isso. Há uma ligação afetiva que passa de geração para geração.

Verem pessoas que se deram bem na vida, que se prepararam dentro destas paredes, é o que os move para continuar?

Não é isso que nos move, mas dá-nos uma alegria imensa. Há dois anos, em 2023, tivemos um pedido de apresentação de um livro

de um senhor cego de Felgueiras, para a fazer aqui na nossa casa e fê-lo. Até participou na nossa festa, a 19 de março, para depois fazer essa apresentação aqui.

E porque quis fazer aqui a apresentação do livro?

Porque o pai dele, em 1918 foi aquele aluno - e isto é uma curiosidade - que por acaso morreu de gripe espanhola. Falava-lhe muito do que era a vida aqui. Era sapateiro, tornou-se um grande mestre no fabrico de calçado, foi trabalhar para Felgueiras e era um mestre do calçado por lá. O senhor era de Fermentões, mas depois foi trabalhar para Felgueiras e lá ficou.

Isto é uma demonstração desta ligação que se cria entre quem passa por aqui. É uma ligação fortíssima. O ano passado, um antigo aluno que veio ao nosso encontro do 19 de março, teria uns 80 anos e diz-me assim: Eu sou o Pirulito. Foi cá aluno, enquanto jovem e o apelido era o Pirulito. Era assim que se identificava nesta casa, e disse aquilo, percebi, com orgulho muito muito grande.

Como presidente da instituição desejo que ela se vá adaptando aos novos tempos para continuar a prestar este serviço. Uma instituição é como a vida das pessoas, se não nos adaptarmos às realidades novas, vamos ter muita dificuldade em sobreviver. Eu não quero ter redes sociais, não quero telemóvel, não quero isto, não quero aquilo eu posso fazer isso, mas eu vou ter muita dificuldade em viver. É esta adaptação que a casa deve fazer como nas nossas vidas, não de forma brusca, mas lentamente.

Quem o suceder terá de olhar para isto e perceber as realidades...

Possivelmente vai perceber, mas também é bom que tenha ideias novas, cada um, cada Direção, deve imprimir a sua ideia, mas desejamos a quem vier a seguir que, se não for igual, que seja melhor e que acima de tudo tenha ideias diferentes. Não gostava de um retrocesso porque isto dá muito trabalho.

Sente-se com vontade de ficar por aqui muitos anos?

Não sei. Só o gosto que se tem em servir aqueles que precisam de nós é que faz com que tenhamos energia e força para prosseguir. O que nos dá força é ajudar aqueles que precisam de nós e a sociedade tem de ser assim, sem isto, não funciona. Aqueles que têm vontade, devem dar o seu contributo dentro do que sabem, em prol dos mais fragilizados.



O PREÇO DOS BILHETES

A DERRADEIRA FRONTEIRA DO DESPORTO DO POVO

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

BILHETES SOBRE A FORMA DE GERAR UMA RECEITA SUPLEMENTAR...

A bomba estourou há poucos dias...

O Manchester United tomou uma medida que a maioria dos adeptos considerou ofensiva, levando mesmo a que o treinador português, Ruben Amorim, tivesse de referir o assunto em conferência de imprensa, dizendo que “Este clube nunca irá morrer, isso é claro. Dá para senti-lo nas ruas, não só no estádio, mas vocês sabem que este é um negócio grande e talvez todos os adeptos desta Liga sintam que às vezes é difícil ir a jogos e pagar bilhetes, e isso é normal”.

Na verdade, o clube que, numa tendência de poupança, para não dizer de “apertar o cinto”, já despediu cerca de duzentos funcionários, que instituiu que, somente, os jogadores da equipa profissional de futebol tivessem direito a almoços grátis nas cantinas do clube, entre outras medidas, terá tomado a mais impopular de todas para quem o segue: o aumento do preço dos bilhetes para assistir a uma partida em Old Trafford, casa dos Red Devils.



OS VALORES DA DISCÓRDIA

Deste modo, o emblema mancomunado determinou que, para o exercício de 2025/26 o custo dos bilhetes singulares, para assistir a uma única partida, e dos lugares anuais, terá um incremento na ordem dos 5%, o que a maioria dos apoiantes do clube considerou insultuosa para quem já tanto dá, sem esperar nada em troca. Ainda para mais tratando-se da terceira temporada consecutiva em que o preço dos ingressos são alterados!

Em sua defesa, a administração do emblema que celebrizou nomes como Best, Cantona ou Cristiano Ronaldo, entre muitas outras estrelas, alegou que o aumento determinado corresponderá em média a 2,5 libras por jogo, o que na moeda da União Europeia significará 3 euros.

Acresce, ainda que os preços para os menores de 16 anos foram congelados, mas os descontos para os seniores, que sempre existiram em Old Trafford, foram reduzidos de 50% para 25%. Além disso, pela primeira vez, os jogos para os adeptos que não possuem lugar anual serão distinguidos, com os desafios mais importantes contra rivais e equipas vizinhas a terem um preço superior, explicou o jornal inglês The Times.

Por essas razões, um lugar anual nas bancadas do clube custará entre 608 e 1121 libras, o que convertendo para euros significará um preço compreendido entre 728 e 1341. Além disso, e ainda com o intuito das receitas serem aumentadas, várias centenas de adeptos sentados junto aos bancos de suplentes serão mudados de lugar, pois o clube apercebeu-se de que poderia vender esses postos a preços muito mais elevados como parte dos pacotes de hospitality.

Os que não se importarem com a alteração receberão um novo lugar, enquanto os novos ocupantes poderão jantar numa suite especial na bancada Sir Bobby Charlton antes do pontapé de saída, demonstrando-se que o dinheiro está acima de toda e qualquer preocupação.

AFINAL, A VOZ DO ADEPTO TEM FORÇA?

Após ter conhecido estas decisões, a associação de adeptos Manchester United Supporters Trust (MUST), não foi de modas e colocou o dedo na ferida começando por referir que “embora tenhamos sido sempre cuidadosos com a questão dos bilhetes, a situação atual torna ainda mais difícil aceitar um aumento de preços. A equipa está presa no 13º lugar. O United enfrenta problemas financeiros resultantes de investimentos negligenciados, dívidas enormes e má gestão.” Erros esses, causados pela administração dos anteriores únicos proprietários do clube, os Glazers, que “colocaram-nos nesta situação e é da responsabilidade deles meterem as mãos nos seus bolsos e carteiras para nos ajudarem a sair dela.”, pois “Pensar que os adeptos devem pagar pelos erros e pela gestão dos Glazers, para além dos milhares de libras que já desembolsam para seguir fielmente a equipa, é simplesmente ofensivo”.

O clube, esse, através do seu CEO, Omar Berrada, já se manifestou, acenando com os argumentos habituais neste tipo de situações, que passam sempre pelo objectivo de não depauperar a equipa de futebol. Deste modo, referiu que “não seria justo manter os preços inalterados enquanto os custos aumentam e o clube continua a enfrentar dificuldades financeiras. Mantivemos o aumento ao nível mais baixo possível e protegemos os nossos detentores de bilhetes de época mais jovens de qualquer aumento, assegurando simultaneamente que o clube continua financeiramente sólido para investir na melhoria da equipa”.

Entretanto, enquanto os adeptos são sobrecarregados, enquanto há funcionários a serem despedidos, o clube anunciou o projecto de construção do seu novo estádio, que o jornal The Guardian denominou de “Um templo de extravagância” e que terá um custo previsto de 2 mil milhões de libras.



NO VITÓRIA... A PAIXÃO ACIMA DA RAZÃO, COM NÚMEROS CAPAZES DE ORGULHAR

A questão dos bilhetes/lugares anuais merecerá sempre a preocupação dos apaixonados do futebol. No Vitória, tal não é excepção com a época da abertura da venda dos lugares anuais a merecer a máxima atenção por parte dos associados.

Porém, ao contrário do que relatamos no emblema inglês, os Conquistadores têm optado pela maximização... da atractividade e das bancadas cheias no D. Afonso Henriques. Na verdade, bastará ler a comunicação do clube no seu sítio oficial, aquando do anúncio da abertura da venda dos referidos lugares na presente temporada para se perceber isso, onde afirma claramente que “sem alterações ao preço relativamente à temporada transacta” atribuindo, ainda, “uma panóplia de descontos em mais de 25 parceiros de diferentes áreas de negócio.”

Tal aposta tem-se revelado profícua no que toca ao apoio aos Conquistadores, uma vez que no D. Afonso Henriques já entraram, à data em que são escritas estas linhas, praticamente 238 mil espectadores, o que permite uma taxa média de ocupação de 62,03% e uma assistência, igualmente, média, de 18276 adeptos. Refira-se, ainda, que em Agosto o clube tinha vendido mais de 14000 lugares anuais e contava com um número superior a 36000 sócios, o que fazia com que esperasse obter uma receita próxima dos 3 milhões de euros em quotas e lugares anuais.

Antes da razão e do cifrão, deverá sempre respeitar-se a paixão...

**Exposição
"A Paixão
em Guimarães"**

4 — 19.04

**Fins de semana
gastronômicos**

11 — 13.04

**Celebrações
Religiosas**

6 — 20.04

**Festival Internacional
de Música Religiosa
de Guimarães**

11 — 19.04



IX EDIÇÃO

Da
Quaresma
à **Páscoa**

Guimarães

4 — 20

abr.2025



Organização



Parceiros do Programa

(Exposição A Paixão em Guimarães)



(FIMRG)



Parceiros / apoios



Parceiro media

